

Biblio3W

REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA
Y CIENCIAS SOCIALES

Universidad de Barcelona.
ISSN: 1138-9796.
Depósito Legal: B. 21.742-98
Vol. XX, núm. 1123
15 de junio de 2015



Élisée Reclus e o seu método geográfico

Miriam Hermi Zaar
Universidad de Barcelona
miriamzaar@yahoo.es

Élisée Reclus e o seu método geográfico (Resumo)

Élisée Reclus, geógrafo anarquista, concebe em seu método geográfico a sociedade e a natureza como parte de um conjunto harmônico que evolui em um processo contínuo, repleto de reações e contradições. Apreende na sua análise como o Indivíduo, a Sociedade, o Espaço e o Tempo se repelem e ao mesmo tempo se combinam em uma dinâmica contraditória que reflete a essência do mundo. Para entender este processo defende a unicidade da geografia e formula três grandes conceitos que regem a natureza da geografia, especialmente a geografia social, na qual assume uma postura crítica ante a organização autoritária da sociedade.

Palavras-chave: Élisée Reclus, método geográfico de análise, geografia e anarquismo.

Élisée Reclus y su método geográfico (Resumen)

Élisée Reclus, geógrafo anarquista, concibe en su método geográfico la naturaleza y la sociedad como parte de un conjunto armónico que evoluciona en un proceso continuo, repleto de reacciones y contradicciones. Considera en su análisis que el Individuo, la Sociedad, el Espacio y el Tiempo se repelen y al mismo tiempo se combinan en una dinámica contradictoria que refleja la esencia del mundo. Para entender este proceso defiende la unidad de la geografía y formula tres grandes conceptos que orientan la naturaleza de la geografía, especialmente la geografía social, en la que asume una postura crítica ante la organización autoritaria de la sociedad.

Palabras clave: Élisée Reclus, método geográfico de análisis, geografía y anarquismo.

Élisée Reclus and his geographical method (Abstract)

Élisée Reclus, anarchist geographer, conceives in its geographical method the nature and the society as part of a harmonious whole that evolves in a continuous process, replete of reactions and contradictions. He assimilates in his analysis how the Individual, the Society, the Space and the Time are repelled and at the same time are combined in a contradictory

Recibido: 20 de febrero de 2015
Devuelto para revisión: 10 de marzo de 2015
Aceptado: 15 de abril de 2015

dynamic that reflects the essence of the world. To understand this process he defends the oneness of geography and formulates three great concepts leading the nature of geography, especially the social geography, on which adopts a critical stance towards authoritarian organization of society.

Key words: Élisée Reclus, geographical method of analysis, geography and anarchism.

Geógrafo anarquista, autor de três extensas obras, livros e um grande número de textos que envolvem uma ampla variedade temática, Élisée Reclus foi discípulo de Karl Ritter e, respaldado por teorias que defendem a liberdade, a justiça social, o progresso harmônico com a natureza e a cooperação universal, desenvolveu uma geografia social integradora, objetiva, complexa e comprometida, para analisar o mundo com toda a sua complexidade¹.

Em muitos aspectos foi um precursor na análise de questões relacionadas com o urbano e o agrário, com os movimentos migratórios e com o imperialismo europeu, ao mesmo tempo em que, como autêntico anarquista, questionou o papel de instituições como o Estado e da Igreja na sociedade moderna.

A contribuição de Reclus também se faz evidente no que se refere ao seu método de análise geográfico, ao defender a unicidade da geografia, e incluir a concepção de “leis” que resultam de um processo contraditório que, engendrado pela combinação de diferentes elementos, move a humanidade a partir de períodos de progresso e retrocesso que se alternam. Sua acepção analítica contempla a compreensão do mundo a partir de uma dimensão espacial e temporal na qual os indivíduos e a sociedade possuem um papel histórico fundamental. Fundou, portanto, as bases de uma “geografia social”.

Para ele, a Geografia que se faz e se refaz continuamente e se modifica pela ação do homem que deve se transformar em um instrumento para formar cidadãos, no sentido anarquista do termo, e em um instrumento para a ação política; e os geógrafos devem ser capazes de analisar fenômenos que colocam em movimento tanto fatores físicos e naturais quanto humanos e sociais. Somente deste modo apreenderão a complexidade do mundo.

A proposta deste artigo é resgatar os fundamentos da concepção metodológica reclusiana para a análise geográfica, que imbuída de princípios ácratas e positivistas revelam os seus ideais sociais e políticos, que permanecem válidos até os dias atuais.

Para isto organizamos o mesmo em partes interconectadas que explicam como as experiências de Élisée Reclus o levaram a construir o seu pensamento sobre o mundo e sobre a geografia. Os fatos mais relevantes da sua vida, a opção pela geografia, a sua obra e o seu método (geográfico) de análise são os principais temas abordados.

¹ Este texto é resultado de uma extensa revisão bibliográfica preparatória e das discussões realizadas durante a aula ministrada pela autora na disciplina de *Metodologia da Geografia*, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a convite do professor Dr. Celso Locatel e cujo tema foi *Élisée Reclus: vida, obra e método*.

Nos propomos, portanto, resgatar os principais conceitos desenvolvidos por Élisée Reclus os quais respaldados por um método dialético “particular”, permeiam uma obra que se caracterizou pela sua coerência e originalidade.

Élisée Reclus

A vida e a obra de Élisée Reclus tem sido objeto de pesquisas e de debates em numerosas ocasiões tanto em geografia como em outros campos das ciências humanas. Dos mesmos derivaram várias publicações em forma de livros e textos disponíveis em vários idiomas, e que, dependendo dos seus objetivos analisam particularidades específicas da sua vida e obra, ou contemplam uma análise completa da mesma. Entre os mais recentes podemos citar os de Béatrice Giblin, Max Nettlau e Maria Teresa Vicente Mosquete, sem desmerecer muitos autores que tem abordado as contribuições de Reclus nas diferentes áreas da geografia e das ciências sociais².

Este é o motivo pelo qual esta primeira parte incorpora somente os aspectos mais importantes da sua vida e obra, vinculados ao tema central deste artigo, que é o método reclusiano de análise geográfico e, portanto, essenciais ao desenvolvimento do mesmo.

Élisée Reclus, filho de um pastor protestante e de uma professora, nasceu em 1º de março de 1830 em Saint-Foy-la-Grande, uma pequena cidade do interior bordelés, às margens do Rio Dordoña, França. É muito provável que a sua estreita relação com a natureza tenha se manifestado desde muito pequeno. Este interesse se transformou em um dos seus principais objetos de estudo nas inúmeras viagens por diversos continentes e que resultou na elaboração do seu método de análise e na redação de uma obra na qual a relação entre o homem e o meio está muito presente.

Até os 13 anos de idade, quando foi enviado à Neuwied, Alemanha, para estudar em um colégio protestante, Élisée acompanhava seu pai, pastor protestante fervoroso, ao templo do povoado que possuía uma grande abóboda azul. Com os olhos fixos na mesma, Reclus saía do mundo cerrado e místico que caracterizava o templo e se introduzia em um mundo bucólico e natural, imaginando encontrar-se sob um céu azul e rodeado de árvores, riachos e prados. Esta experiência está refletida na sua obra *A história de um riacho*, na qual conta como brincava de Robinson Crusoe com seus irmãos:

“los sauces, que nacían en el lodo, alrededor del banco de arena, eran nuestro bosque; los grupos de juncos eran para nosotros inmensos prados; teníamos también grandes montes, pequeñas dunas amontonadas por el aire en el centro del islote, y en ellas construíamos nuestros palacios con pequeñas ramas caídas, practicando agujeros en la arena. Los dos brazos del arroyo nos parecían anchísimos estrechos, y para convencernos más de nuestra soledad en la inmensidad de las aguas, hasta les dábamos el nombre de océanos: uno era para nosotros el Pacífico; el otro, el Atlántico. Una piedra aislada sobre la que chocaba la corriente, se llamaba la blanca Albión, y más lejos, una cabellera de limo detenida por la arena, era la verde Erin. Es verdad que más allá de las islas y los mares, á través del follaje de los álamos, veíamos sobre la colina el rojizo tejado de la casa paterna; pero, encantados en el fondo de

² Entre outras, destacamos a publicação da Confederación Sindical Solidariedad Obrera. *Una autobiografía imposible de Élisée Reclus*. Madri: 2005; a de Helene Sarrazin, *Elisée Reclus ou la passion du monde*, Paris, Editions la Découverte, 1985 e 2004 e a de Christophe Brun, *Élisée Reclus, une chronologie familiale (1796-2014)*. *Sa vie, ses voyages, ses écrits, ses ascendants, ses collatéraux, les descendants, leurs écrits, sa postérité*, 2014.

saber que estaba tan cerca, hacíamos como que ignorábamos tal cosa, creyendo haberla dejado al otro lado del globo.”³

O seu primeiro contato com os precursores do pensamento socialista utópico e anarquista, como Saint Simon, Augusto Comte, Fourier, Proudhon, Owen, com os quais vai se identificar no decorrer da sua vida, ocorreu aos dezessete anos, após haver terminado os seus estudos secundários em um colégio protestante, quando teve contato com um comerciante local, ex-obreiro em Paris. Assim obteve as primeiras noções sobre o que seriam as ideias republicanas e informações sobre as manifestações parisienses pró-república. Estas ideias determinaram a sua opção política que o levaria à prisão e ao exílio, este último por duas vezes, mas também colaboraram com a sua formação ideológica. Estão presentes, de forma muito expressiva, nas análises que permeiam as obras, nas quais teve liberdade para manifestar os seus ideais políticos e sociais.

Apesar da sua convicção política, oposta aos ensinamentos e dogmas da igreja, Élisée e seu irmão Elías se matricularam, em 1848, em uma faculdade de teologia protestante e conservadora de Montauban, ao norte de Toulouse. Conjugaram para isto o motivo de ainda não terem conseguido se desprender da crença religiosa paterna, mas também a possibilidade de morar no campo com um amigo, o que lhes permitia ler ao ar livre e passear pelos campos⁴. Uma situação que perdurou até o dia em que os dois irmãos ansiosos por conhecer a região francesa que linda com o Mar Mediterrâneo decidiram fazer uma viagem a pé de aproximadamente quatrocentos quilômetros, sem pedir autorização à direção da instituição. Esta atitude, aliada às suas ideias republicanas vistas com desagrado pelas autoridades religiosas, serviu de pretexto para que lhes expulsassem de dita instituição⁵. Tudo indica que esta tenha sido a primeira vez que as suas ideias republicanas, associadas ao seu interesse por explorar novas terras, tenha lhe obrigado a mudar seus planos iniciais.

O seu primeiro contato com a geografia

O seu primeiro contato com geógrafos de renome ocorreu em 1851 quando Élisée decidiu inscrever-se na Universidade de Berlim, a qual havia ganhado prestígio, devido à presença de intelectuais como Friedrich Hegel (1770-1831) e de Karl Ritter (1779-1859). Nesta Universidade cursou duas disciplinas, “Descrição da Terra” (com Karl Ritter) e “Economia Política” (com Wilhelm Adolf Schmidt), campos disciplinares aos quais dedicou boa parte da sua via pesquisando e escrevendo.

Além das aulas, Reclus participava dos debates acadêmicos travados na universidade com seus companheiros de universidade, com os quais discutia a unificação alemã, que se concretizaria oficialmente em 1871. A sua opção política, que se manifestou prematuramente, lhe levava a se interessar pouco pela alta burguesia e muito menos pela nobreza, Élisée apreciava o convívio dos obreiros, os encontrava “inteligentes e bons companheiros”⁶.

O seu ideal republicano lhe impeliu a rejeitar em várias ocasiões propostas de trabalho como preceptor em famílias nobres ou ligadas à monarquia. O fato de dominar vários idiomas

³ Élisée Reclus. El Arroyo. Traducción de A. López Rodrigo. Capítulo XI (Las riberas y los islotes), 1869 (1ª ed) <<http://www.gutenberg.org/files/11663/11663-8.txt>>

⁴ Segundo José Luís Oyón e Marta Serra, 2012, nos anos 1948 e 1949 Élisée morou em Montauban em duas casas diferentes: Promenade del Cordeliers (1848) e casa “El Fuerte” (1849).

⁵ Béatrice Giblin, 1982, p. 16.

⁶ Béatrice Giblin, 1982, p. 17.

(francês, alemão, inglês e italiano) lhe possibilitou optar por dar aulas particulares para manter-se economicamente em diversas ocasiões, como em Berlim e Londres, esta última cidade quando esteve exilado pela primeira vez⁷.

A sua permanência em Berlim finalizou com o término do ano letivo em 1852, quando Élisée, acompanhado por seu irmão Elías a partir de Estrasburgo, empreendeu outra longa viagem a pé de volta a residência dos pais. O trajeto através do território francês, entre Estrasburgo (leste da França) e Montauban, que foi realizado em três semanas e concluído depois em Orthez (sul de França), lhes permitiu ampliar os conhecimentos sobre as regiões percorridas. Élisée aproveitou para observar e fazer anotações sobre as características paisagísticas, as múltiplas relações entre os homens e a natureza e o resultado das mesmas no que se refere à organização e à reprodução das comunidades aldeãs. Foi em circunstâncias como estas que o método de análise reclusiano, no qual defende que a sociedade e a natureza formam um conjunto harmônico, começou a ser engendrado.

Estas experiências e muitas outras que seguiram a mesma, o levaram a entender que os parâmetros de investigação das ciências humanas deveriam atender aos mesmos rigores das demais ciências: “A ciência do desenvolvimento humano se encontra sob a dependência dos mesmos métodos que as demais disciplinas intelectuais; não progride senão por meio da observação rigorosa, da comparação estrita, imparcial e da classificação dos fatos cuidadosamente ordenados no espaço e no tempo.”⁸

Uma concepção que não contraria outro dos seus legados, a defesa de que uma ciência não deve ser absoluta, mas conter “a flexibilidade necessária para adequar-se às novas exigências do mundo, tudo isto dentro de uma ciência integradora e integrada, objetiva e complexa, comprometida e responsável”⁹.

Também foi no ano de 1851 que Reclus com vinte um anos, redigiu o seu primeiro texto político “O desenvolvimento da liberdade no mundo”, no qual já existia uma referência a anarquia:

“Nossa meta política em cada nação em particular é a abolição dos privilégios aristocráticos, e em toda a terra a fusão de todos os povos. Nosso destino é chegar a este estado de perfeição ideal onde as nações não terão mais necessidade de estar sob a tutela de um governo ou de outra nação; é a ausência de governo, é a anarquia, a mais alta expressão de ordem.

Mas a liberdade política não é nada sem as outras liberdades, não é nada sem as liberdades sociais.”¹⁰

Princípios que Élisée jamais abandonou, ao contrário a sua opção pelos ideais anarquistas acentuaram estas convicções.

⁷ Na reedição da obra *El Hombre y La Tierra* publicada em francês (1982) e em espanhol (1986), a organizadora da edição, Béatrice Giblin, dedica a primeira parte da mesma a analisar o contexto e as principais fases que marcaram a vida de Élisée Reclus. No capítulo *Los orígenes y la juventud de Eliseo Reclus (I Parte)*, estão contidas parte das informações que aparecem nesta introdução.

⁸ E. Reclus. *Evolução da sociedade e das civilizações. Élisée Reclus*. Organizador Manuel Correia de Andrade. 1985, p. 108. Também publicado em E. Reclus. *Divisiones y ritmos de la historia. El Hombre y la Tierra*, 1986, p. 118.

⁹ Maria Teresa Vicente Mosquete, 1983, p. 243.

¹⁰ Béatrice Giblin, *Élisée Reclus: un géographe d'exception*, 2005. Tradução da autora do francês.

O exílio

O contexto político vivido pela França a finais de 1852, associado às suas ideias pró-republicanas, obrigou Reclus a sair da pequena Orthez e da França. A sua participação em uma tentativa de resistência ao Golpe de Napoleão III impulsionada pelos seus ideais políticos, e a conseqüente ameaça de prisão os induziu (a Reclus e ao seu irmão Élié) a que se exilassem em Londres, aonde viveram com outros exilados políticos franceses e sofreram a discriminação dos ingleses pela sua condição política e social.

A sua curta passagem pela cidade londrinense perdurou poucos meses, até que em abril do mesmo ano, um inglês lhe ofereceu trabalho como sub-administrador da sua fazenda, localizada ao sul de Dublin. Os motivos iniciais de haver aceitado a proposta foram dois: viver no campo em contato com a natureza e aproximar-se do seu irmão mais velho que era preceptor em uma família irlandesa¹¹.

Durante a sua estância na propriedade agrícola Reclus se dedicou às atividades agrícolas, mas empregou o seu tempo livre para viajar e conhecer as regiões do Oeste irlandês, uma circunstância que o levou a pensar, pela primeira vez, em escrever um livro de geografia física. Mas o seu interesse ia mais além dos fenômenos naturais: queria compreender as razões da profunda crise econômica que assolava Irlanda desde 1847, um ano de muita escassez.

Foi durante os trajetos percorridos a pé em solo irlandês que observou o nível de atraso da agricultura local, mas igualmente os mecanismos de dominação e expropriação inglesa utilizados contra os camponeses locais, através principalmente da renda da terra. Um fato que lhe levou a convencer-se que a propriedade da terra é uma das condições necessárias à liberdade dos indivíduos. Trata-se de um esboço do que mais tarde seria um dos fundamentos do seu pensamento geográfico, o qual estabelece como conceito básico o desenvolvimento desigual em função da uma sociedade com interesses opostos.

Élisée também desejava entender o processo de emigração da população irlandesa aos Estados Unidos da América. Além de analisar as suas causas no lugar de origem (Irlanda) pretendia conhecer como este processo tinha continuidade no outro lado do Atlântico; portanto almejava conhecer a realidade americana. Para isto empreendeu uma viagem à Nova Orleans, partindo do porto de Liverpool em dezembro de 1852. Com poucos recursos, pagou a sua passagem trabalhando a bordo como cozinheiro¹².

As experiências americanas

Em Nova Orleans, dedicou-se, inicialmente, a pequenos trabalhos e depois decidiu trabalhar como preceptor na casa de Septime Fortier, um latifundiário produtor de cana-de-açúcar, proprietário de escravos. Ali dispensou parte do seu tempo livre (dezembro/1884 e janeiro/1885) a viajar pelo rio Mississippi, lago Michigan e conhecer a cidade de Chicago,

¹¹ Grande parte destas informações foram extraídas da obra *El Hombre y La Tierra*, 1986, *El primer exílio y la América* (I Parte) e do trabalho de Christophe Brun, *Élisée Reclus, une chronologie familiale (1796-2014)*, 2014.

¹² Béatrice Giblin, 1986. *El primer exilio y América*, p. 20 (I Parte) e Christophe Brun, 2014, p. 22.

ainda que o seu principal interesse fosse entender a dinâmica da sociedade sulista escravista. A partir destas observações escreveu, quando do seu retorno à França, vários textos¹³.

Dois fatos lhe impressionaram muito e lhe revoltaram. Um foi que o tráfico de homens e de mulheres se praticava com a mesma “liberdade de consciência” como se vendessem ou se comprassem rebanhos de animais. O outro foi a constatação de que a Igreja estava comprometida com os proprietários de terras e de escravos, inclusive participando ativamente do processo: comprando terras e escravos. Esta situação, vinculada às experiências desagradáveis que havia tido na Europa com relação às instituições religiosas protestantes, fez com que Reclus apressasse a sua ruptura definitiva com a religião protestante e aderisse ao ateísmo. Os seus ideais socialistas de liberdade não lhe permitiam aceitar a escravidão humana e tampouco conviver com a mesma.

Este foi um dos motivos pelo qual rejeitou a oferta de Septime Fortier para constituir uma “plantation” na Amazônia. O outro motivo foi o seu desejo de conhecer novas terras, onde se localizavam as cordilheiras e os vulcões, e compreender a realidade latino-americana. Em dezembro de 1855 viajou à América do Sul, especificamente à Nova Granada (Colômbia), fazendo escalas em La Havana e Panamá¹⁴.

Visitou Serra Nevada de Santa Marta, onde realizou várias viagens de estudos, identificando e relacionando os diferentes tipos de climas, de vegetação e de cultivos. Impressionou-se com a imensidão das terras desocupadas e com a sua fertilidade lhe despertando interesse para uma das atividades que apreciava realizar, a agricultura. Planejou organizar uma colonização de europeus (50.000 colonos em cinco anos), mas retrocedeu no seu intento ao constatar que o comércio local do café estava nas mãos de um grupo de intermediários. Contribuíram também para a decisão de declinar do seu projeto, as dificuldades em estabelecer-se na região e a sua saúde, deteriorada em função de haver contraído malária¹⁵.

Reclus retornou à França em agosto 1857, cinco anos após a sua partida do porto de Liverpool.

Reclus geógrafo

Ao regressar à França com volumosos cadernos de anotações e interessado na geografia, Élisée se encontrou uma conjuntura na qual os interesses imperialistas dos países europeus pelas áreas em processo de colonização eram cada vez maiores. Este contexto priorizava especialmente os estudos ultramarinos direcionados à África, Ásia e Oceania, e nutria um grande interesse pelos estudos geográficos e pelas viagens, uma situação que perdurou durante as décadas seguintes e que estimulou o desenvolvimento da geografia. As Sociedades de Geografia cresceram em importância e número, principalmente a partir da década de 1870,

¹³ Entre eles *Da Escravidão nos Estados Unidos* publicados em duas partes: I. O código negro e os escravos e II. Os plantadores e os abolicionistas, ambos publicados na *Revue des Deux Mondes* em dezembro de 1860 e janeiro de 1861, respectivamente.

¹⁴ Segundo Maria Teresa Vicente Mosquete, a sua viagem teria iniciado na primavera de 1856, o que no Hemisfério Norte, corresponde ao período compreendido entre os meses de março e junho.

¹⁵ Suas observações deram origem ao seu livro *Voyage à la Sierra Nevada de Sainte-Marthe, paysages de la nature tropical*, publicado em 1861 pela Editora Hachette, com 305 páginas. Em espanhol: *Viaje a la Sierra Nevada de Santa Marta*. Igualmente em Eliseo Reclus, *Colombia*, Biblioteca de Colombia, Bogotá, 1958. Citado por Béatrice Giblin, 1986, p. 25.

quando em poucos anos passaram de dezesseis (1865) para cinquenta em 1878¹⁶; se estabeleceram “cátedras” como a de Geografia Colonial, atribuída a Marcel Dubois em 1885 na Universidade de Paris; e se ampliou o número de publicações especializadas em viagens, como as *Guides Joanne*, *Le Journal del Voyages*, *Le Tour del Monde* ou *L’Année Géographique*, entre outras, as quais experimentaram um grande êxito entre o público culto.

É neste cenário que Reclus iniciou a sua atividade como geógrafo, impulsionada pelo interesse que a Editora Hachette pôs no seu conhecimento sobre o território europeu e americano e a sua forma de redigir, lhe convidando para assinar um contrato através do qual elaboraria guias turísticas (*Guides Joanne*). Esta atividade, que se prolongou entre 1859 e 1862, lhe permitiu usufruir de uma das formas de liberdade que mais apreciava: viajar. Visitou vários países europeus como França, Alemanha, Suíça, Itália e Espanha para realizar trabalhos de campo que lhe possibilitaram caracterizar as paisagens com propriedade e conhecimento.

A grande quantidade de informações acumulada o levou a ir mais além das guias turísticas, lhe proporcionando material para elaborar extensos artigos. No período compreendido entre 1860 e 1868 Élisée Reclus publicou textos vinculados à Geografia Física, tais como “Os vulcões e os movimentos sísmicos terrestres”, “Sicília e a erupção do Etna, relatos de viagem”, “As praias e os fiordes”, “O oceano: estudos de física marítima”, mas igualmente outros vinculados à sua viagem à América e relacionados com as questões sociais e políticas que vivenciou, como “O código negro e os escravos” e “Os plantadores e os abolicionistas”, “Os negros americanos a partir da guerra civil”, “O algodão e a crise americana”, “As repúblicas da América do Sul, suas guerras e seus projetos de federação” e “As mulheres na América”. Sobre a Colômbia escreveu: “A Nova Granada”, “A viagem à Serra Nevada” e “Atlas da Colômbia”. Estas, e muitas outras obras, como “Do sentimento da natureza nas sociedades modernas”, foram publicadas em conceituadas revistas nacionais e internacionais como a *Revista Germânica*, a *Revista dos Dois Mundos* e *O Jornal das Viagens*.

Para a ampliação do seu campo de trabalho e de pesquisa contribuiu o fato de que em 1862 a *Société de Géographie de Paris* lhe aceitasse como sócio, o que lhe deu acesso à biblioteca e à mapoteca da Instituição, considerada, naquela época, fonte das principais informações conhecidas e disponíveis¹⁷.

Este intenso trabalho compreendido por viagens e muitas horas dedicadas à pesquisa nas bibliotecas e à redação o levaram a concluir, em 1869, a primeira das suas obras mais importantes *La Terre. Description des phénomènes de la vie du globe* em dois tomos (I. Os continentes; II. O Oceano. A atmosfera. A vida.), a qual se converteu, segundo Horacio Capel, “na primeira grande obra que reflete o impacto de Darwin na geografia”¹⁸. Na sua introdução Reclus relata que foi na Irlanda que nasceu a ideia de explicar os fenômenos da Terra e que a obra é resultado das observações realizadas durante as suas andanças¹⁹ pelo mundo como homem livre, condição à que retornava após as extensas pesquisas realizadas em bibliotecas. Ao apresentar a Terra como um ambiente dinâmico, em constante movimento

¹⁶ Horacio Capel, 1988, p. 181. Para conhecer pormenores de estas Sociedades Geográficas, consultar a referida obra entre as páginas 173 e 206.

¹⁷ Béatrice Giblin, 1986, París. 1857-1871. Profesión: Geógrafo, p. 27 (I Parte). Segundo Christophe Brun, o seu reconhecimento como membro da *Société de Géographie de Paris* foi em junho de 1858.

¹⁸ H. Capel, 1988, p. 302.

¹⁹ José Luis Oyón e Marta Serra, 2012 elaboram um interessante estudo sobre as diferentes moradias de Élisée e a sua relação com os conceitos que desenvolveu sobre a natureza e a cidade.

(erosão, processos vulcânicos ativos, terremotos, furacões, praia, meandros, etc.) deixa explícito as únicas leis que reconhecia, as da natureza, vinculadas à existência humana: a liberdade do homem no seu relacionamento com a Terra consiste em reconhecer estas leis para desta forma conformar a sua existência.

Uma concepção caracterizada pelo que se poderia denominar de uma consciência ecológica que adverte dos riscos da depredação da mesma pela ação humana²⁰ e a partir da qual autores como Béatrice Giblin lhe conferem a qualificação de ecologista precoce, e de algum modo precursor do desenvolvimento sustentável, embora outros estudiosos da evolução do pensamento geográfico afirmam que este planteamento estava diretamente relacionado com a obra de Ernest Haeckel (1834-1919) e com as teorias darwinianas, e que a geografia de Friederich Ratzel (1844-1904), imbuída de estudos sobre as relações entre os organismos e o meio ambiente, incluído o homem, é antes de tudo uma ecologia²¹.

Apesar da sua intensa vida intelectual Reclus não se afastou das atividades políticas. Em 1870 foi candidato à Assembleia Nacional, defendendo a queda do Império e a restauração da República, não conseguindo se eleger; e em 1871 aderiu a Comuna de Paris²², participando na redação de panfletos anarquistas e em atividades educativas, como a oferta de aulas de geografias a professores. Em este período mantinha contato com Mijaíl Bakunin e Karl Marx, os quais havia conhecido em 1864, durante a reunião que precedeu a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores realizada em Londres. As relações com Karl Marx duraram até 1872, quando durante o congresso de Haia algumas discrepâncias, entre elas o papel do Estado na transformação social, provocou uma ruptura entre socialistas e anarquistas, desenlace que levou Reclus a permanecer ao lado dos últimos e, portanto, de Bakunin.

A atuação de Reclus na Comuna de Paris culminou com a sua prisão em abril de 1871 e um julgamento por um Conselho de Guerra frente ao qual assumiu seus atos e posições político-ideológicas, assim justificadas mais tarde: “mi conciencia me mostraba un camino que yo creía ser el del deber. Si no lo hubiera seguido me habría despreciado a mí mismo y llevaría ahora una existencia miserable. A lo menos puedo decirme ahora que fui sincero y fiel a mis convicciones.”²³

A sua inicial condena à deportação perpétua na Nova Caledônia foi amenizada graças a um movimento internacional de intelectuais, os quais conseguiram que a mesma fosse substituída por um exílio de dez anos na Suíça que iniciou em março de 1872²⁴. Um processo que refletiu na sua produção intelectual, já que com exceção da Editora Hachette, que mesmo quando

²⁰ Explícitas nas obras *Da ação humana na geografia física* e *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*.

²¹ Béatrice Giblin, *Élisée Reclus: un géographe d'exception*, 2005. Sobre a segunda abordagem ver Horacio Capel, 1988, *Reclus: un géographe anarquista marginado* (p. 301-305); e também *La concepción orgánica* (p. 282-286).

²² Constituída no final da guerra franco-prussiana quando o exército francês saiu derrotado. Reclus e seus irmãos se uniram à população parisiense que se enfrentou à formação de uma nova assembleia nacional capitulacionista em Versalhes composta por integrantes do governo prussiano e das forças reacionárias francesas.

²³ *Correspondance*, tomo II, p. 91. Reproduzido por Béatrice Giblin, 1986, p. 45.

²⁴ Béatrice Giblin, 1986, *La comuna de Paris*, p. 39-45 (I Parte) e Christophe Brun, 2014, p. 51. Lideraram esta iniciativa Alfred Dumesnil, Eugen Oswald e Henry Woodward do British Museum, que estavam preparando a edição inglesa de *La Terre. Description des phénomènes de la vie du globe*, os quais elaboraram um documento que foi assinado por sessenta e um cientistas britânicos, seguidos por outros trinta e três nomes vinculados às ciências. A este ato se inclui a influência da Editora Hachette, da Société de Géographie de Paris e o empenho dos norteamericanos John Bigelow e Elihu Washburne, ex-embaixador (Império) e embaixador (República) dos Estados Unidos na França, respectivamente.

estava na prisão lhe contatou para tratar da possibilidade de que escrevesse a obra que mais tarde levaria o título de *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les hommes*, nenhuma outra editora demonstrava interesse em publicar os seus livros. Mesmo assim, a oferta da Editora Hachette levava implícito o compromisso de Reclus de que não deveria incluir qualquer ideia ou análise política e/ou social.

Apesar da severa vigilância ideológica a que foi obrigado submeter-se na redação dos textos, a assinatura do contrato lhe possibilitou viajar por países localizados no norte da África (1884) e na Ásia Menor (1886), e percorrer outros como Turquia (1885), Hungria (1886), Itália (1889), Estados Unidos e Canadá (1890), África do Sul, Espanha e Portugal, visitando bibliotecas, universidades, coletando dados e observando a paisagem, uma atividade fundamental para a elaboração da nova obra, que dos dez volumes iniciais foi ampliada para dezenove, e na qual, após uma introdução geral, cada volume aborda uma zona geográfica²⁵, analisada exaustivamente nos seus aspectos físicos, humanos e econômicos, transporte e rede urbana. Foi em ocasiões como estas, na qual redigiu e enviou à Editora Hachette em 1872, o seu *Plano de Geografia Descritiva*, que Élisée incorpora questões inerentes ao seu método de trabalho, destacando diferentes possibilidades, segundo o parâmetro adotado:

“Si se elige el orden descriptivo por el desarrollo histórico de las migraciones de razas, habría que empezar por la Bactriana y seguir las regiones desde el este hacia el oeste. El orden geográfico exigiría por el contrario empezar por la gran meseta de Asia y descender sucesivamente hacia las regiones exteriores del continente. El orden geológico sería muy distinto y me haría tomar Australia como punto de partida. Evidentemente como cada uno de estos métodos tendría algo de extraño, más vale seguir el orden habitual abordando primero Europa. Suiza como región central desde el punto de vista orográfico me servirá de punto de partida.”²⁶

Com quase 18.000 páginas, 4.290 mapas²⁷ e mais de vinte mil cópias vendidas na sua primeira edição, a *Nouvelle Géographie Universelle* teve um papel considerável na formação da opinião pública progressista. Ao ensaiar uma análise de todos os povos do globo, encorajou seus “leitores a situarem a si mesmos em uma posição relativa para a compreensão do Outro, sem julgamentos de superioridade ou inferioridade”; e ao condenar os crimes ocasionados pelo processo de colonização “antecipou a crítica ao colonialismo e ao imperialismo que o movimento socialista europeu adotaria nas primeiras décadas do século XX e que, ainda hoje, permanecem um problema aberto”²⁸.

No seu *Plano de Geografia Descritiva* Reclus também havia programado um último volume, que a modo de conclusão, trataria da evolução histórica da Humanidade, assim justificada:

²⁵ Vol I. La Europe Meredionale; vol. II. La France; vol. III. L’Europe Centrale ; vol. IV. L’Europe du Nord-Ouest; vol. V. L’Europe Scandinave et Russe ; vol VI. L’Asie Russe; vol. VII L’Asie Orientale; vol VIII. L’Inde et L’Indo-Chine; vol. IX. L’Asie Antérieure; vol. X e XI. L’Afrique septentrionale; vol. XII. L’Afrique Occidentale; vol XIII. L’Afrique Méridionale; vol XIV. Océan et Terres Océaniques; vol. XV. Amérique Boréale; vol. XVI. Les États-Unis; vol XVII. Indes Occidentales: Mexique, Isthmes Américains, Antilles; vol. XVIII. Amérique Du Sud, Les Régions Andines; vol. XIX. Amérique Du Sud, L’Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine.

²⁶ Carta de Elisée Reclus à Templier. *Plan de Géographie descriptive fourni à Templier*, Zurich mars, 1872. Paris, páginas 6 e 7. Citado por Maria Teresa Vicente Mosquete, 2008, p. 848.

²⁷ A cartografia sempre esteve muito presente nos trabalhos de Reclus. Defendia a necessidade de aprimorar as projeções, o que impulsionaria a cartografia temática. Também elaborou um amplo comentário sobre o mapa físico da América do Norte sob o título de Notice pour la carte physique de l’Amérique du Nord. *Grand atlas Schrader*. Paris: Hachette, 1890. Para ampliar estas informações ver Maria Teresa Vicente Mosquete, 2008, p. 481-482.

²⁸ Frederico Ferreti, 2013, p. 14. Para aprofundar uma análise sobre esta questão e sobre a contribuição da *Nouvelle Géographie Universelle*, consultar o seu artigo.

“Tras la tierra, el pueblo que la habita” e na qual destacaria “el papel especial que cada raza ha tenido en el desarrollo de los pueblos, qué rasgo particular ha dado al carácter nacional”. Somente após esta análise é que segundo Reclus se poderia tratar da atualidade e da estatística: “En ella trataría la agrupación de las poblaciones, los productos de la agricultura y el éxito de la industria, el comercio, la constitución política, el estado intelectual y moral que nos revelan los documentos demográficos rigurosos. Esto sería para mi el resumen de cada geografía especial”²⁹. Um planteamento coerente com o seu método de análise que vamos tratar a seguir.

Infelizmente esta proposta não foi aceita pela Editora e este volume se converteu, anos mais tarde, na sua terceira grande obra *L’Homme et la Terre*. A publicação da *Nouvelle Géographie Universelle* ocorreu entre 1875 e 1892 (em fascículos quinzenais) e o reconhecimento da obra o levou a receber em maio do mesmo ano a medalha de ouro da Sociedade Geográfica de Londres. No Prefácio da obra *L’Homme et la Terre*, publicados após a sua morte, Élisée relata as suas inquietudes ao finalizar a *Nouvelle Géographie Universelle*:

“Hace algunos años, después de haber escrito las últimas líneas de un largo trabajo, la *Nouvelle Géographie Universelle*, expresé en voto de poder, un día, estudiar al hombre en la sucesión de las edades, tal como lo había observado en las diversas regiones del globo y establecer las conclusiones sociológicas hacia las cuales había sido conducido. Establecí el plano de un nuevo libro donde estuvieran expuestas las condiciones del suelo, del clima, de todo el ambiente dentro de los cuales los acontecimientos de la historia se hayan cumplido, donde los procederes de los pueblos se explican, de causa a efecto, mediante su armonía con la evolución del planeta.”³⁰

Mesmo no exílio, Élisée Reclus não perdeu o contato com seus amigos Mijaíl Bakunin e Piotr Kropotkin, sendo que este último colaborou com a *Nouvelle Géographie Universelle* nos volumes dedicados à Europa do Leste e a Sibéria. Tampouco abandonou a sua militância política. Vinculou-se ao grupo que fundou a Federação Jurassiana e colaborou com vários jornais ácratas.

Solidário com os companheiros que continuavam presos desde o fim da Comuna de Paris, Reclus não aceitou regressar a Paris quando acabou o seu exílio. A volta à sua terra natal ocorreu somente em 1890, pouco antes que, em 1893, realizasse a sua última grande viagem que compreendeu países como Brasil, Argentina, Uruguai e Chile.

Durante o período em que esteve no exílio, Reclus trabalhou incessantemente e os resultados obtidos foram amplamente reconhecidos, recebendo várias condecorações e prêmios pelo mesmo.

Também como reconhecimento pelo seu trabalho foi convidado em 1890 para ocupar a cátedra de Geografia que o Conselho de Estado criou na Universidade de Genebra. A recusa do convite por parte de Reclus se deveu ao fato de que necessitava tempo para concluir a sua obra *Nova Geografia Universal*³¹.

Em julho de 1892 Élisée Reclus foi convidado para ministrar a disciplina de Geografia na *Université Libre de Bruxelles*, que seria ofertada em 1894, uma vez finalizado o último

²⁹ Carta de Elisée Reclus à Templier. *Plan de Géographie descriptive fourni à Templier*, Zurich mars, 1872. Paris, páginas 4. Citado por Maria Teresa Vicente Mosquete, 2008, p. 848.

³⁰ E. Reclus. Préface. *L’homme et la Terre*, 1905-1908. Reproduzido em Béatrice Giblin. Prefacio. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 97.

³¹ Christophe Brun, 2014, p. 78.

volume da sua obra *Nova Geografia Universal*. Entretanto, devido a uma crise ideológica institucional e aos atentados anarquistas de 1893, a oferta da disciplina foi adiada indefinidamente. Este fato gerou uma crise na referida universidade com petições estudantis que incluíram desde mensagens de apoio a Élisée a pedidos de demissão do reitor. Como consequências, por um lado, o *Cercle Universitaire de Bruxelles* convidou Reclus a ministrar a disciplina inicialmente prevista para a *Université Libre de Bruxelles*³², e por outro, foi dado o primeiro passo para a instituição da *Nouvelle Université Libre de Bruxelles*, aberta oficialmente em 22 de outubro de 1895, oportunidade em que Élisée proferiu o discurso inaugural “Geografia comparada no espaço e no tempo”.

Em Bruxelas Reclus ministrou a disciplina de Geografia em quatro estruturas diferentes: 1ª) "Geografia e História da Geografia" na Faculdade de Filosofia e Letras; 2ª) "Noções elementares de Geografia Física" e "Geografia Física" na Faculdade de Ciências; 3ª) Diferentes temas na Extensão Universitária (descentralização da educação em cidades do interior para o público em geral); e 4ª) colaboração com Institutos de Estudos Avançados, como o *College de France* em Paris, transformado em Faculdade de Ciências Sociais em 1899, onde ministrou as disciplinas de "Geografia e História da Geografia" e de “Geografia no tempo e no espaço” (a partir de 1889)³³, temas vinculados à “geografia social” e a sua nova obra *L’Homme et la Terre*.

Em combinação com as suas atividades docentes, proferiu diversas conferências e discursos sobre temas como “Geografia do Japão e da China” (1895), o “Extremo Oriente” (*Société Royale de Géographie d’Anvers*, 1898), “Anarquia” (*Société Universitaire de Patrick Geddes* e reunião anarquista em Holborn Town Hall, Londres em preparação para o congresso dos trabalhadores em setembro, 1895 e 1896), "A dispersão dos judeus e do antisemitismo" (*Instituto de Estudos Avançados da Universidade Nova de Bruxelas*, 1898), “A relação entre anarquismo e Igreja” (Congresso Internacional de Paris, Exposição Universal de Paris, 1900), a “Revolução Russa” (*Sociedade dos Amigos do Povo Russo*, 1905), entre outras.

Em março de 1898 fundou, no seio da *Nouvelle Université Libre de Bruxelles*, um Instituto Geográfico, do qual foi diretor. Além disto, criou a *Société des Cartes et Travaux géographiques Elisée Reclus*³⁴ e organizou uma importante biblioteca que levada para Tóquio para ser salvaguardada dos bombardeios da Primeira Guerra Mundial, onde fundariam o Instituto Geográfico Élisée Reclus, foi destruída devido a um incêndio provocado pelo terremoto de 1923 ocorrido no Japão.

Também foi nesta década que Élisée publicou seu único livro de teoria política *A evolução, a revolução e o ideal anarquista* (1897) organizado a partir de uma conferência pronunciada em Genebra em fevereiro de 1880 cujo título era *Evolution et révolution*, e que, ávido para apresentar as conclusões sociológicas de sua trajetória investigatória, escreveu a sua terceira grande obra: *L’Homme et la Terre* em seis volumes não submetidos à censura imposta nas suas obras anteriores.

³² Christophe Brun, 2014, p. 90.

³³ Christophe Brun, 2014, p. 91 e 92.

³⁴ As principais finalidades da sua criação foi realizar a cartografia da sua obra *L’homme et la Terre* e de construir um globo terrestre gigante a escala de 1:100.00 para a Exposição Universal de 1900 que se realizou em Paris. Este último, que está publicado em *Projet de construction d’un globe terrestre à l’échelle du cent-millième*, não teve êxito, devido, principalmente, o seu custo elevado, 20 milhões de francos.

Considerada a sua obra síntese e a mais importante pelo fato de havê-la redigido com total liberdade de expressão, Reclus se defrontou com dificuldades para encontrar uma editora que aceitasse publicar *L'Homme et la Terre*. A própria Editora Hachette, que havia publicado suas outras obras e com as quais havia obtido volumosos benefícios, não aceitou editá-la devido ao seu conteúdo temático. Inclusive propôs alterações que ocultasse as suas ideias políticas, o que não foi aceito por Reclus. Foi seu sobrinho Paul Reclus a quem coube este feito após a morte de Reclus em 4 de julho de 1905. Os seus manuscritos foram aceitos pela *Librairie Universelle* de Paris, e o essencial da sua publicação ocorreu entre 1906 e 1908³⁵.

A obra *L'Homme et la Terre*, com aproximadamente 4.000 páginas, compreende seis tomos e quatro livros assim organizados: 1º livro, Os Ancestrais (seis capítulos); 2º livro, História Antiga (treze capítulos); 3º livro, História Moderna (vinte capítulos), e 4º livro, História Contemporânea (doze capítulos). Analisa as origens do homem e do planeta, seu passado e devir a partir de um movimento no qual “o homem experimenta sua relação com o espaço onde acontece perpetuamente o diálogo entre o lugar, visto em toda a sua intimidade, e o planeta, sob o governo das influências cósmicas”³⁶. Representa, segundo Nettlau,

“un material inmenso sobre prehistoria, historia universal, historia de las civilizaciones, ideas y revoluciones e historia del comercio y de los medios de comunicación, de la vida social y todas sus manifestaciones, agrupándolo luminosamente con mano discreta, probando infinitas relaciones y dando explicaciones. La obra culmina en los capítulos VII y XII del VI tomo: El Estado moderno; Cultura y Propiedad; Industria y Comercio; Relifión y Ciencia; Educación; Progreso. Estos extensos trozos son indudablemente la obra social más importante de Elio Reclus... El Hombre y la Tierra puede ser considerado como la mejor flor de la literatura anarquista hasta el presente y como uno de los más bellos frutos de la ciencia.”³⁷

É com base nos textos publicados nesta obra e outras editadas anteriormente que vamos dar prosseguimento a análise do pensamento de Reclus a partir de agora, examinando as principais ideias que o levaram a conceber e defender os seus princípios geográficos, até então inéditos no campo dos estudos geográficos. Ainda que ignorado por mais de 50 anos, por motivos políticos, as suas obras refletem a sua atitude como geógrafo ácrata, o seu comprometimento social e a sua crítica com respeito ao poder (estatal, eclesiástico e do capital) muito presente nas suas observações realizadas em diferentes países e continentes, independente dos avanços técnicos ou da forma de governo existente em cada um deles.

O seu método de análise

Como geógrafo ácrata³⁸, Jean Jacques Élisée Reclus rejeitou a dialética clássica dos contrários, e igualmente a dialética hegeliano-marxista. Igualmente, como os demais anarquistas, preteriu o determinismo geográfico desenvolvido por Friedrich Ratzel e levado a exageros por seus discípulos Ellsworth Huntington e Ellen Churchill Semple; e também o possibilismo de Paul Vidal de La Blache.

Além disto, questionou o darwinismo social elaborado pelos seguidores de Charles Darwin os quais proclamaram que a destruição do mais débil era a lei da natureza. Reclus o analisa como

³⁵ Béatrice Giblin, 1986, Bruxelas, la última etapa, p. 54-58 (I Parte).

³⁶ Ronald Creagh, 2010, p. 15.

³⁷ Max Nettlau, 1930, tomo II, p. 270-271.

³⁸ Yves Lacoste o definiu assim: “Reclus não foi um geógrafo e um anarquista, mas um geógrafo anarquista. Sua obra científica é constantemente enriquecida por suas concepções políticas e, reciprocamente, suas análises científicas subentendem suas análises políticas” (Paul Boino, 2010, p. 21).

uma ideologia que tinha como objetivo legitimar e oprimir parte uma grande parte da humanidade. O seu sonho anarquista de fraternidade humana, em lugar de buscar razões na competição e na luta pela sobrevivência, reconhecia a importância da harmonia (não isenta de contradições), da cooperação e da necessidade da adaptação do homem ao meio natural. Ao relacionar as leis da natureza com as relações que regem as sociedades humanas Reclus afirma:

“Invoca-se, contra as reivindicações sociais, o direito do mais forte, e até mesmo o nome respeitado de Darwin serviu, contra sua vontade, para defender a causa da injustiça e da violência..... “Vede”, dizem eles (os naturalistas) “é a lei fatal; é o imutável destino, ao quais devoradores e devorados estão igualmente submetidos.”³⁹

Esta oposição se deve ao fato de que os parâmetros ácratas de análise se encontravam radicados na lógica positivista, considerada como a única científica e eficaz nas ciências naturais e, portanto, responsável pelo avanço das ciências no século XIX. Para Reclus e demais anarquistas “o Homem é uma parte da Natureza com a sua vida pessoal e social (desenvolvimento de uma flor ou a vida social das formigas e abelhas), então porque abandonar um método que deu excelentes frutos até agora e buscar outro método na metafísica?”⁴⁰.

Um enfoque holístico impregnado de idealismo e utopia que pode ser resumido na célebre frase de Reclus “o homem é a natureza que adquire consciência de si própria“ e que representa o seu pensamento ecologista a partir do qual defende o cuidado da sociedade e da natureza como partes de um mesmo sistema, cuja relação deve ser indissolúvel.

Os teóricos que influenciaram o pensamento de Élisée Reclus

Do pensamento de Reclus podemos apreender diferentes influências, entre as quais se destacam os princípios ácratas, as teorias positivistas e evolucionistas⁴¹ e a concepção determinista, que derivada do positivismo afirma o caráter inexorável das leis físicas⁴². Dedicamos alguns parágrafos a analisar de forma sucinta alguns teóricos que influíram diretamente nas reflexões reclusianas: Jean-Jacques Rousseau, Pierre Joseph Proudhon e Karl Ritter. O pensamento rousseauiano sobre a harmonia natural, as teses positivistas e evolucionistas, a dialética de Proudhon vinculada aos princípios da ajuda mútua como motor da humanidade, expressado também por outros anarquistas entre eles Bakunin e Kropotkin, e as concepções de Ritter sobre a importância da história nos estudos geográficos foram as teorias que mais contribuíram para a formação reclusiana, dando o impulso inicial às ideias desenvolvidas ao longo da sua vida científica.

³⁹ Élisée Reclus. A Evolução, a Revolução e o ideal anarquista, 2000, p. 97. Igualmente na nota introdutória do texto “Repartição dos homens”.

⁴⁰ Piotr Kropotkin. Lugar que ocupa el anarquismo en la ciencia moderna. La Ciencia Moderna y El Anarquismo, 1922, p. 81.

⁴¹ Os avanços da biologia levaram à incorporação do evolucionismo e do conceito de organismo nas ciências sociais, utilizado amplamente por Herbert Spencer (1820-1903). Com isto se passou a conceber a Terra como um organismo vivo com seus elementos-partes que desempenham funções vitais para o todo. Para ampliar estas informações consultar H. Capel, 1988, p. 273-278.

⁴² A origem do termo “determinismo” está vinculada à aplicação de “leis científicas universais” ou “método científico”, não possui qualquer relação com os adjetivos comumente utilizados: “determinismo geográfico” ou “determinismo econômico”.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos principais filósofos do Iluminismo e precursor do Romantismo, concebeu a história dos homens como um processo linear, onde o ponto de partida seria a sociedade “primitiva”, simples e solidária, e o ponto de chegada, um estado civilizatório mais complexo e contraditório caracterizado muito mais por um período de decadência do que de progresso. Para reverter este processo, Rousseau entendia que seria fundamental encontrar uma alternativa para que o ser humano pudesse se reencontrar com a sua natureza.

É a partir deste conceito que Rousseau veicula o ideal de uma comunidade de homens livres e iguais. Para ele o conceito de liberdade não estava vinculado somente à “autonomia” do indivíduo, mas à sua capacidade de aperfeiçoamento. Rousseau reconhece o ‘estado da natureza’ quando uma comunidade não possui uma autoridade superior ou uma relação de submissão, enquanto comunidade originária, na qual os homens nascem livres, iguais e dotados de razão e seguem os seus movimentos em relações recíprocas as quais garantem a harmonia com o universo. Assim, na construção do seu discurso a natureza adquire uma dimensão metodológica.

Este pensamento está presente nas suas obras. Em *Júlia ou a nova Heloísa* (1761) e *Discurso sobre a origem da desigualdade* (1754) concebe a natureza e o homem unidos em uma mescla de harmonias e contrastes, em uma paz não isenta de tensão entre a paisagem natural e a cultivada pelo homem; e, também aludindo à natureza e ao homem ressalta a dificuldade em se distinguir o que forma parte da sua própria constituição e o que foi alterado pelas circunstâncias do progresso, respectivamente⁴³.

Referente ao seu *O Contrato Social* (1712) inicia com a frase “O homem nasceu livre e em todas as partes se encontra entre correntes” a partir da qual propõe uma sociedade justa que assegure a seus membros liberdade e igualdade através de um “contrato” que substituísse o que se encontrava vigente. Para isto o “novo contrato” deveria ser aceito de forma livre, sem qualquer imposição e a partir do qual os direitos do cidadão deveriam se constituir em direitos comunitários.

Como parte de esta concepção, defende que o objeto do “contrato” entre o Estado e a sociedade deveria consistir na proteção dos direitos individuais e não na sua renúncia. Esta contradição leva Rousseau a repudiar o Estado autoritário e a religião, ressaltando a importância de se assegurar a liberdade de cada cidadão através da independência individual privada e da livre participação política. Para o autor, renunciar a liberdade é renunciar à própria qualidade de homem.

Estes conceitos contribuíram na concepção do pensamento ácrata, a partir de Proudhon e demais anarquistas como Élisée Reclus, Bakunin e Kropotkin no que concerne ao conceito de “autonomia” e de “liberdade”, assim como na formulação dos fundamentos que orientam a organização autogestionária entre indivíduos soberanos (livres de qualquer tipo de coação) e o federalismo, os quais, como decorrência forneceram subsídios ao questionamento da autoridade estatal e eclesiástica na organização social.

As análises reclusianas e anarquistas também receberam forte influência teórica da concepção libertária e da metodologia “dialética serial” elaborada por Pierre-Joseph Proudhon (filósofo e político, 1809-1865) a partir da ideia heracliteana (Heráclito, Grécia, 500 a.C. – pré-socrático)

⁴³ Para ampliar esta informação consultar Juan Carlos García-Borrón, 1998, Tomo 3, p. 1022-1033.

a qual defendia que tudo é fluxo e multiplicidade: tudo está em contínua mutação (movimento) e há uma unidade dos contrários (interdependência de conceitos opostos que não existiriam sem o seu oposto).

O método da “dialética serial” e a aplicação da “lei da proporcionalidade dos valores” eram, para Proudhon, os únicos meios viáveis de se perceber uma unidade dentro de uma “pluralidade de elementos irreduzíveis, que são ao mesmo tempo antagônicos e solidários”⁴⁴:

“189. Conhece-se a demonstração deste teorema de Aritmética: Em qualquer ordem que se multipliquem dois fatores, o produto não se altera. Ela consiste em mostrar, por uma figura bastante simples,

```

| | | |
| | | |
| | | |

```

que um grupo formado, por exemplo, de quatro séries perpendiculares, compostas cada uma de três unidades, é idêntica a um grupo formado por três séries horizontais, compostas cada uma de quatro unidades.

Esta figura é a imagem do mundo: de qualquer lado que se considere a natureza, ela se encontrará diferenciada, seriada: sob todas as faces, há sistema, e sistema sempre novo: mas a variedade das séries não altera sua certeza: elas se atravessam, se misturam, mas não se contradizem; permanecem absolutamente e integralmente verdadeiras. O sistema inteiro é imutável.”⁴⁵

A sua grande contribuição para o anarquismo clássico está fundamentada em uma abordagem na qual, o capital e o Estado se confundem, o que inviabiliza a emancipação do proletariado por meio deste último. Em consequência defende uma sociedade cooperativista, organizada a partir de um sistema federativo (mutualismo) capaz de garantir, a través da autogestão, o controle democrático da sociedade sobre cargos e instituições estatais.

A base do sistema proudhiano está assentada na ideia de justiça, de equidade e de igualdade, como se observa em uma das suas frases: “peço o fim dos privilégios, a abolição da escravatura, a igualdade de direitos, o reino da Lei. Justiça, nada mais que Justiça; tal é o resumo do meu discurso; deixo a outros a tarefa de disciplinar o mundo”⁴⁶.

Para Proudhon o homem mais livre é o que tem o máximo de relações com os seus semelhantes⁴⁷, o que leva ao entendimento de que a personalidade do ser coletivo se forma no interagir livremente. A sua concepção organicista de liberdade entende o capital, o Estado e a Igreja como agentes destruidores da igualdade e da liberdade.

É deste arcabouço teórico que derivam as idéias de Bakunin, Kropotkin e Reclus⁴⁸, incluindo a dialética reclusiana, que dispõe os termos contraditórios simultaneamente em oposição e em

⁴⁴ A “dialética serial” consiste basicamente na noção de que um mesmo objeto de conhecimento pode ser acessado por diferentes perspectivas ou pontos de vista, que podem ser mutuamente complementares, contrastantes, incompatíveis ou até mesmo contraditórios, mas em vista do objeto acessado são igualmente válidos e não se excluem. A “lei da proporcionalidade dos valores” compreende o trabalho de coleta de informações (que podem estar em ordem arbitrária ou que juntem fatores de natureza diferenciada), o seu sequenciamento (referenciado espacial e temporalmente) e a construção de uma ordem explicativa.

⁴⁵ Proudhon. De la création de l'ordre dans la humanité: ou Principes de organisation politique. *La Métaphysique*, p. 105 (Cap. III). <<https://archive.org/stream/delacraciondelo00prougoog#page/n117/mode/2up>> tradução da autora.

⁴⁶ Proudhon, 1975, p. 13.

⁴⁷ Proudhon, 1975.

⁴⁸ Para ampliar as informações sobre o pensamento de Proudhon, Bakunin e Kropotkin, assim como dos socialistas utópicos Saint Simon, Robert Owen y Charles Fourier, consultar o primeiro capítulo da tese elaborada

combinação. Elementos como autoridade e liberdade, igualdade e liberdade formam pares de uma tensão e de uma composição, antinomias (antíteses), sem síntese que evoluem em balanceamento (Proudhon) ou em equilíbrio instável (Reclus)⁴⁹.

Os estudos de Karl Ritter (1779-1859) historiador, geógrafo e seu professor na Universidade de Berlim, também influíram na concepção metodológica de Reclus. Além de ter cursado a disciplina “Descrição da Terra”, ministrada por Karl Ritter, Élisée traduziu para o idioma francês várias obras suas, uma delas “A configuração dos continentes” logo depois da sua volta a França em 1857.

Com formação em história, o que lhe induziu a dar um caráter histórico à geografia⁵⁰, Ritter, que foi influenciado pelo movimento romântico e pelo Idealismo, deixa implícito nas suas obras a concepção de “um mundo harmônico, pelo equilíbrio e coesão das suas partes, mas também pela harmonia nas relações entre homem e natureza”, resultado das forças que se opõem e se equilibram. Assim entende que o “Todo” ao se dividir em partes representam outras totalidades que se relacionam entre si, a exemplo do homem e da natureza⁵¹.

A principal contribuição de Karl Ritter aos estudos geográficos se encontra na sua obra *Die Erdkunde im Verhältnis zur Natur und zur Geschichte des Menschen oder allgemeine vergleichende Geographie, als sichere Grundlage des Studiums und Unterrichts in physikalischen und historischen Wissenschaften* (A Geografia em relação com a Natureza e a História dos homens ou a Geografia Geral Comparada como base de estudo e ensino das ciências físicas e históricas), publicada em 1817, em dezenove volumes. Nela, Ritter elabora, também a partir de princípios deterministas, um estudo que vincula os elementos físicos, às relações humanas e ao seu momento histórico. Assim como Alexandre von Humboldt entendia que “a descrição da natureza está intimamente enlaçada com a sua história”⁵²; Ritter, ao definir os elementos que delimitam e atribuem individualidade às áreas estudadas, para que as mesmas possam ser comparadas, utilizava a categoria tempo como elemento essencial ao estudo do espaço e do homem⁵³. Podemos dizer que este último enfoque constitui o seu principal legado ao método geográfico⁵⁴.

por Miriam H. Zaar, El cooperativismo moderno. Las teorías que le dieron origen y expansión. *La viabilidad de la agricultura familiar asociada: el caso del Reasentamiento São Francisco/Cascavel/PR/Brasil*, 2007.

⁴⁹ Phillippe Pelletier. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus, 2011, p. 99-100.

⁵⁰ Segundo Horacio Capel que na sua obra *Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea* (1988), dedica o II capítulo ao estudo de Ritter, “Ritter: la naturaleza y la historia”, esta proposta procedia da concepção kantiana que considerava a geografia e a história ciências apropriadas para estudar fatos isolados que se sucedem no tempo e que ocorrem conjuntamente no espaço.

⁵¹ Para conhecer maiores detalhes consultar H. Capel, 1988, p. 51-52.

⁵² H. Capel, 1988, p. 12.

⁵³ É possível que Humboldt e Ritter tenham resgatando alguns conceitos desenvolvidos por Immanuel Kant (1724-1804) no seu texto “Introdução à Geografia Física”, no qual elabora um paralelismo entre a geografia e a história. Frases como: “História e geografia ampliam, portanto, os nossos conhecimentos em relação ao tempo e ao espaço. A história se refere aos acontecimentos que, em relação ao tempo, sucederam-se *um após o outro*. A geografia se refere aos fenômenos que, em relação ao espaço, *acontecem ao mesmo tempo*.”, destacam a preocupação de Kant em utilizar ambas as categorias nas suas análises geográficas. (2007, p. 126)

⁵⁴ Resumidamente pode-se afirmar que o método ritteriano se estabelece segundo os seguintes fundamentos: de observação em observação; proceder do simples e unitário ao complexo e variado; reagrupação dos semelhantes e análogos; situar os fatos em um contexto histórico; conceder maior importância à intensidade do fenômeno que a sua extensão territorial. Para ampliar a informação ver Horacio Capel, 1988, p. 66.

Tudo indica que alguns destes conceitos, como os relacionados com a noção de harmonia entre o homem e a natureza, e o de meio-espaço e meio-tempo desenvolvidos por Élisée Reclus mais tarde, se originaram das teses ritterianas.

A dialética reclusiana

Para Élisée Reclus a evolução e a revolução são dois atos sucessivos de um mesmo fenômeno: a evolução precede a revolução, e esta precede uma nova evolução, portanto nenhuma revolução pode ser feita sem uma prévia evolução. O fato de que tudo se move na natureza e nas sociedades em um processo eterno que determina que as mudanças que carregam as suas permanências não sejam definitivas justifica a sua afirmação de que não há um futuro linear e tampouco definitivo:

“La evolución es el movimiento infinito de cuanto existe, la transformación incesante del Universo y de todas sus partes, desde los orígenes eternos y durante el infinito del tiempo. Las vías lácteas que aparecen en los espacios sin límites, que se condensan y se disuelven durante millones y millones de siglos, las estrellas, los astros que nacen, se agregan y mueren, nuestro torbellino solar con su astro central, sus planetas y lunas, y, en los límites reducidos de nuestro pequeño planeta, las montañas que surgen y desaparecen, los océanos que se forman para luego agotarse, los ríos que fertilizan los valles y se secan como tenue rocío matutino, las generaciones de plantas, de animales y de hombres que se suceden, y los millones de vidas imperceptibles, desde el hombre hasta el mosquito, no son sino manifestaciones de la gran evolución, que arrastra todo en su torbellino sin fin.”⁵⁵

Com base neste conceito, Reclus defende o processo evolutivo social através de diferentes formas de progresso e retrocesso, devido a uma série de ações e reações, impulsos e descasos, fluxos e refluxos, que se desenvolvem em uma “espiral da civilização” que apresenta uma forma muito pouco geométrica e cuja curva é alterada por cada acontecimento, se estreitando em períodos de retorno a barbárie e de guerra (retrocesso) e se ampliando em períodos de paz e de progresso social:

“El ritmo de los acontecimientos se sujeta pues a leyes muy complejas y es mediante una simple figura de lenguaje que podemos permitirnos asimilarlo a una oscilación o giro regular. Lo cierto es que, en muchos casos, las diversas agrupaciones de hombres, tribus, naciones, Estados, presentan fenómenos de vida tal como los animales y las plantas; nacen, se fortifican, declinan, mueren y el estudio profundizado indica para todos esos fenómenos causas que podemos clasificar en categorías de una manera general, aunque las diversas sociedades se enredan las unas con las otras y que las instituciones, las religiones, las morales, las civilizaciones, invadan naturalmente sus respectivos dominios.”⁵⁶

Trata-se de um movimento que Reclus apreende na sua essência, analisando o processo histórico europeu não linear e as suas consequências em outros continentes. Assim, para Reclus, representam períodos de progresso, o Iluminismo (1650-1700), a Revolução Francesa, (1789), o *Resorgimento* (unificação) italiano (1848-1860), a Comuna de Paris (março 1871), a unificação alemã (1871), as greves na Inglaterra, Irlanda, etc., que se refletiram nas colônias (Índia e Extremo Oriente), América etc.; enquanto que os acontecimentos políticos que

⁵⁵ E. Reclus. *La evolución, la revolución y el ideal anarquista*, p. 6, capítulo 1. Esta análise tem continuidade nos capítulos seguintes, especialmente nos de número 2 e 3.

⁵⁶ E. Reclus. *Divisiones y ritmos de la historia. El desarrollo del tiempo*, In: Béatrice Giblin, 1986, p. 112. Também em E. Reclus. *Evolução da sociedade e da civilização*. In Manuel Correia de Andrade (org.), *Élisée Reclus*, 1985, p. 101-102.

envolveram a Europa após 1848 quando Alemanha, Áustria, Hungria, Itália e França voltam a ser Estados monárquicos representaram períodos de retrocesso⁵⁷.

Portanto, Reclus nega o movimento linear e contínuo da história humana, o concebe associado ao movimento da natureza:

“períodos de reação sucederam-se aos períodos de ação, recuos seguiram-se aos progressos; o avanço geral realizou-se por uma espécie de oscilação, por uma série de idas e vindas, comparável as ondas da maré montante; sempre uma alternância de recuos momentâneos produziu-se na marcha coletiva dos homens.”⁵⁸

Esta sutil abordagem dialética possibilitou a Reclus conceber que todas as contradições, não apenas as econômicas, provocam evoluções históricas em um movimento contraditório, porque por mais importante que seja esta evolução ela traz consigo também um retrocesso. Assim, em todo fenômeno histórico as consequências desta evolução se fazem sentir tanto no progresso (mecânica, eletricidade, química, etc) como no retrocesso (salários insuficientes, trabalho infantil, insalubridade, alta mortalidade, etc)⁵⁹.

Em este contexto, a dialética é para Reclus, a energia e a dinâmica que permite uma evolução que não vai necessariamente resultar em determinada situação, como ocorre com o equilíbrio proudhiano ou a síntese hegeliana, mas que pode resultar em um equilíbrio relativo (compromisso), em uma inversão dialética (os escravos se tornam senhores) ou numa nova situação (um mundo sem classes, sem Estado)⁶⁰.

O que permite que este movimento se produza em equilíbrio constante é que o germe contido nos elementos centrais através dos quais flui esta dinâmica repleta de contradições, combinações, transformações e permanências, provê a superação e uma conseqüente evolução que leva a uma revolução e uma nova evolução que coexistem através do espaço e do tempo, de forma particular e ao mesmo tempo geral.

Um processo evolutivo que Reclus, ao concluir a sua única obra de teorização, auspicia:

“Virá o dia em que Evolução e Revolução sucedendo-se imediatamente, do desejo ao fato, da ideia à liberdade confundir-se-ão em um único e mesmo fenômeno. É assim que funciona a vida em um organismo sadio, seja ele de um homem ou de um mundo.”⁶¹

Esta concepção está vinculada ao fato de que Reclus sempre se sentiu um homem livre: “*J’ai parcouru le monde em homme libre*” (Tenho percorrido o mundo como homem livre).

Reclus e o método geográfico

Reclus escreveu muito e publicou grande parte dos seus escritos, os quais tiveram uma grande aceitação no meio acadêmico e público culto. *A Terra, descrição dos fenômenos da vida do globo* (1869 em dois volumes) foi considerada pela Universidade de Friburgo como “o

⁵⁷ E. Reclus. Las Nacionalidades. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 123-146.

⁵⁸ E. Reclus. *As repúblicas da América do Sul. Suas guerras e seu projeto de federação*, 2010, p. 82.

⁵⁹ E. Reclus. La Indústria y el Comercio. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 342-343.

⁶⁰ Nova geografia Universal, reproduzido por Paul Boino, 2010, p. 37-38.

⁶¹ E. Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*, 2002, p. 131.

discurso do método da geografia”⁶², e apesar de ter sido considerada um verdadeiro tratado de Geografia Física, suas análises estavam repletas de conceitos nos quais a ação do homem, dominando e transformando a natureza era uma constante⁶³. O mesmo ocorreu na sua obra *Nova Geografia Universal: A Terra e os Homens*, apesar da censura imposta pela editora, mas principalmente na sua obra síntese *O Homem e a Terra*, onde Reclus pode deixar transparecer as suas ideias ácratas e, portanto, libertárias, presenteando a humanidade com uma obra que “analisa o mundo como ele é, com toda a sua complexidade”⁶⁴.

A unicidade da Geografia

A leitura da obra de Élisée Reclus nos faculta compreender a sua posição com relação à unidade/dualidade geográfica:

“a geografia é uma única ciência, e a natureza e o homem, por ela estudados, formam um conjunto harmônico em que o meio natural exerce influencia sobre o homem, provocando a sua ação, modificando-o, transformando-o e conduzindo-o à produção do espaço.”⁶⁵

“Os geógrafos não devem fazer um pouco de tudo (portanto nada), mas ao contrário, serem capazes de analisar fenômenos que colocam em jogo tanto fatores físicos (o relevo, por exemplo) e naturais (o mundo vegetal e animal) quanto humanos e sociais.”⁶⁶

Nos oportuniza, igualmente, vincular a sua tese, na qual defende que homem e natureza fazem parte de um mesmo sistema, à necessidade de que todas as ciências sociais incluam o espaço nas suas análises. Entende que somente desta forma é possível entender a complexidade do mundo, a totalidade do espaço.

O fato de que Reclus não estivesse vinculado a uma Universidade durante as primeiras etapas da sua vida, não lhe impôs a necessidade de estabelecer um limite para o conhecimento geográfico, por isto suas análises foram muito mais além da relação homem-meio, inclusive adentrando em campos considerados objeto de estudo de sociólogos ou antropólogos. A sua defesa em favor da unidade da geografia reflete este contexto, mas igualmente uma compreensão geográfica global e coerente que cobre o conjunto do campo tanto da Geografia Física como da Geografia Humana. Segundo as suas palavras:

“La historia de la humanidad, en su conjunto y en sus partes, no se puede pues explicar sino por la añadidura de los medios con “intereses compuestos” durante la sucesión de los siglos; pero para comprender como es debido la evolución que se ha cumplido, hay que apreciar también en qué medida los medios mismos han evolucionado, por el hecho de la transformación general, y modificado su acción en consecuencia.”⁶⁷

⁶² Béatrice Giblin. Introdução. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 32.

⁶³ A exemplo do capítulo A ação do homem como modificador das condições naturais, dominando e transformando a natureza. *A Terra*, 1869/1881. Reproduzido em Manuel Correia de Andrade (org.). Élisée Reclus, 1985, p. 41-55.

⁶⁴ Paul Boino. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. In: Élisée Reclus. *Da ação humana na Geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo*, 2010, p. 30.

⁶⁵ Manuel Correia de Andrade. As ideias básicas de Élisée Reclus. In: Manuel Correia de Andrade (org.). *Élisée Reclus*, 1985, p. 21.

⁶⁶ Paul Boino. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. In: Élisée Reclus. *Da ação humana na Geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo*, 2010, p. 28.

⁶⁷ E. Reclus. Medios telúricos. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 104. Reproduzido igualmente em A complexidade da produção do espaço geográfico. *Élisée Reclus*, Manuel Correia de Andrade (org.), 1985, p. 60.

As três grandes “leis” da geografia social

Para Reclus a natureza da geografia, especialmente da geografia social, está ligada ao estabelecimento de três grandes conceitos que não podem ser apreendidos separadamente: a “luta de classes”, a procura do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, as quais se apresentam bastante constantes para que lhes possam denominar “leis”. De caráter unívoco, estes conceitos formam uma unidade dialética na concepção do método reclusiano.

Com base nas suas concepções anarquistas e nas suas análises, Reclus concebe a “*luta de classes*” como um produto das contradições sociais, quando afirma que a exceção dos povos que permanecem “no naturismo primitivo” todas as demais coletividades humanas se dividem em classes ou castas, “não apenas diferentes, mas também opostas em interesses e em tendências e inclusive francamente inimigas em todos os períodos de crise”⁶⁸.

Como origem deste processo, aponta o surgimento do Estado que não só rompeu a primitiva relação harmônica entre o homem e o meio natural, como instituiu uma sociedade baseada no binômio dominantes/dominados:

“Así pues, digan lo que digan los teóricos que ven en el Estado una especie de entidad independiente de los hombres, la historia nos demuestra de la manera más evidente que el gobierno se presenta todavía, en gran parte, bajo su forma más primitiva de violencia, de acaparamiento, de capricho y que el representante por excelencia del Estado, es decir, el soberano, le da forzosamente la dirección que proviene del resultado de sus pasiones y de sus intereses.”⁶⁹

Tanto o Estado como a Igreja são para o autor instituições que mantêm a autoridade sobre as consciências, evidenciam o poder e a dominação; portanto são inimigos do pensamento, e pela sequência lógica, de toda liberdade. Representam uma concepção contraditória ao que Reclus entende como liberdade, condição indispensável para o progresso (social). Ao afirmar que o homem necessita ser livre, Reclus recomenda que o mesmo deveria atuar de forma contrária ao que lhe aconselha o Estado autoritário e a Igreja, já que pensar, falar e agir livremente são condições fundamentais para que ocorra uma evolução e na sequência o progresso⁷⁰.

A aplicação deste conceito levou Reclus a afirmar que é uma quimera pensar que a Anarquia, entendida por ele, como ideal humano, pode emanar da República. Por um lado, porque as duas evoluções se fazem no sentido inverso, a mudança só se poder realizar a través de uma revolução; por outro, porque a classe que governa é inimiga de todo progresso, os oprimidos são o veículo da evolução intelectual e moral⁷¹.

⁶⁸ E. Reclus. Préface. *L’homme et la Terre*, 1905-1908. Reproduzido em Béatrice Giblin. Prefacio. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 97-99 e em Manuel Correia de Andrade (org.). *Élisée Reclus*, 1985, sob o título O Homem é a natureza adquirindo consciência de si própria, p. 38-40.

⁶⁹ E. Reclus. El Estado Moderno. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 317.

⁷⁰ E. Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*, 2002. Cap. 4.

⁷¹ E. Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*, 2002, p. 83.

Reconhece, portanto, que é na “luta de classes”⁷², encoberta pela autoridade de instituições como o Estado e a Igreja, que está uma das condições essenciais à evolução do indivíduo e da sociedade.

Outro conceito que Reclus inclui em suas “leis” e que se pode pontar como consequência do anterior, é o do *equilíbrio*, a sua busca como parte do processo e não como um fim. Para Reclus o meio é dinâmico e o ponto de equilíbrio, que é a perfeita igualdade de direitos entre os indivíduos⁷³, pode mudar constantemente sem ser alcançado. Assim, é o equilíbrio dos elementos que compõe a estrutura do processo, em um movimento que pende para um lado ou para o outro, é o responsável de que os períodos de progresso conttenham elementos de retrocesso e vice-versa.

Segundo Ronald Creagh, esta busca dos equilíbrios formulada por Élisée evita visões unilaterais da natureza, que reduzem o indivíduo ao bando animal, como ocorre em outras correntes⁷⁴.

O entendimento de Reclus de que instituições como o Estado e da Igreja são as responsáveis pelo rompimento do ponto de equilíbrio, tanto no que concerne a relação entre os indivíduos, como com referência ao antagonismo existente entre as classes sociais ou castas, o leva a conceber este processo como uma “oscilação continuada em torno do seu eixo de repouso: a violação da justiça sempre chama vingança”⁷⁵. Reconhece que é este processo dialético que promove a “luta de classes” no qual enquanto os que mandam procuram manter-se no poder, os “submetidos” procuram conquistar ou reconquistá-lo também em proveito próprio. As guerras, os massacres e as destruições se sucedem em esta lógica em um movimento contínuo, e os resultados dependem dos impulsos dos grupos em luta.

Segundo Reclus, trata-se de um processo que se move em função da energia e da dinâmica a partir da qual os oprimidos podem submeter-se ou extinguirem-se, devido ao esgotado da sua força de resistência. Entretanto, se pelo contrário, os mesmos possuem uma melhor compreensão do meio e energia suficiente - que segundo o autor emana das iniciativas individuais - este processo pode ser revertido e promover verdadeiras revoluções através de mudanças na ordem política, econômica e social⁷⁶. Um processo de contradições, de combinações, ações e reações em constante mutação e superadas sem que necessariamente se alcance o ponto de equilíbrio, já que o mesmo depende dos impulsos dos grupos que participam do processo. Um impulso engendrado pela combinação de diferentes elementos (naturais, históricos, políticos, sociais) que ao se moverem evoluem de forma desigual. Este

⁷² As aspas utilizadas por Reclus fazem referência a Marx, que como ele, outorga importância às relações de classe, pero na qualidade de libertário está preocupado essencialmente com as questões que envolvem o Estado, entre elas as suas relações com os indivíduos. (B. Giblin, 1986, p. 68).

⁷³ E. Reclus. Família, clases, poblados. *El Hombre y La Tierra*, 1905-1908, p. 109.

⁷⁴ Ronald Creagh, E. Reclus, ou a grande narrativa da Terra. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*, 2010, p. 22.

⁷⁵ E. Reclus. Préface. *L'homme et la Terre*, 1905-1908. Reproduzido em Béatrice Giblin. Prefacio. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 98 e em Manuel Correia de Andrade (org.). *Élisée Reclus*, 1985, sob o título O Homem é a natureza adquirindo consciência de si própria, p. 39.

⁷⁶ E. Reclus. Préface. *L'homme et la Terre*, 1905-1908. Reproduzido em Béatrice Giblin. Prefacio. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 99 e em Manuel Correia de Andrade (org.), O Homem é a natureza adquirindo consciência de si própria, *Élisée Reclus*, 1985, p. 40.

segundo conceito representa, segundo Vincent Berdoulay “un acto formidable de fe en la capacidad humana para intentar corregir las injusticias”⁷⁷.

Um terceiro conceito, ou “grupo de fatos”, instituído por Reclus é a sua proposta mais inovadora: reconhece que qualquer evolução social só pode ser impulsionada através do esforço individual e da sua *decisión soberana*. É no ser humano, como célula fundamental da sociedade que nasce a vontade criadora, que se constrói e se reconstrói no mundo. Assim as evoluções voluntárias ao difundir ideias que promovem as mudanças, se transformam igualmente no cerne do desequilíbrio e do equilíbrio das sociedades – a evolução e a consequente revolução cujo objetivo a ser alcançado é a superação de toda alienação. Na liberdade está contido, portanto, o desenvolvimento social completo⁷⁸:

“Nuestro ideal lleva consigo la libertad absoluta para todos los hombres de exponer su pensamiento en todos los casos y sobre todas las cosas, ciencia, política, moral, sin otra reserva que la del respeto a sus semejantes; lleva consigo igualmente el derecho para todos de obrar según su gusto, de *hacer lo que quiera*, al mismo tiempo que asocia naturalmente su voluntad a la de los demás hombres en todos los casos de obra colectiva; su libertad propia no puede limitarse por esta unión, sino al contrario, se engrandece gracias a la fuerza de la voluntad común.”⁷⁹

Com a concepção destas três “leis” lembremos: Reclus inova duplamente em face dos plantamentos realizados pelos seus contemporâneos. Por um lado, trata o indivíduo como sujeito geográfico imbuído de liberdade e conectado ao florescimento e ao progresso social e lhe confere uma responsabilidade com relação ao devir da humanidade. Este é o motivo pelo qual não reduz a política a um assunto de Estado, mas aos movimentos e dilemas inerentes aos atores não estatais e as suas relações com o espaço geográfico do qual forma parte.

Por outro lado, as suas análises sobre o Estado e a sociedade outorgam uma grande relevância às contradições de grupos e de classes no interior de cada território ou Estado, que, singulares a cada nação, refletem as diferenças existentes no seu seio e revelam como os interesses dos diferentes atores que compõe um Estado podem ser muito diferentes. Particulariza, portanto, a análise social da estrutura estatal. Como afirma Yves Lacoste comparando as concepções de Élisée Reclus e de Friedrich Ratzel:

“Reclus étudie (de façon évidemment très critique) les diverses formes de domination qu’exercent des États sur des nations qui ne sont pas encore indépendantes et la lucidité de ses analyses se manifeste tout particulièrement lorsqu’il souligne que l’oppression s’exerce aussi entre peuples dominés et qu’elle prend dans ces cas les formes les plus brutales. “ (Reclus estuda (de modo evidentemente muito crítico) as diversas formas de dominação que exercem os Estados sobre as nações que não ainda independentes e a lucidez das suas análises se manifesta sobretudo quando destaca que a opressão se exerce também entre povos dominados e que ela toma, nestes casos, as formas mais brutais.)⁸⁰

⁷⁷ Vincent Berdoulay, El individuo como sujeto geográfico: interés y modernidad de las concepciones de Elisée Reclus. G. Capron, C. Icazuriaga Montes, S. Levi, E. Ribera Carbó, E. Thiébaud (Eds.). *La geografía contemporánea y Élisée Reclus*, 2011, p. 95-114, parágrafo 22.

⁷⁸ E. Reclus. Préface. *L’homme et la Terre*, 1905-1908. Reproduzido em Béatrice Giblin. Prefácio. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 99 e em Manuel Correia de Andrade (org.). O Homem é a natureza adquirindo consciência de si própria, *Élisée Reclus*, 1985, p. 40.

⁷⁹ E. Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*, 2002, p. 75.

⁸⁰ Yves Lacoste, 2005, <<http://www.herodote.org/spip.php?article149>>. Tradução da autora.

E como reconhece Paul Boino confrontando a essência das obras de Élisée Reclus e de Paul Vidal de La Blache:

“Reclus fundou (principalmente) uma geografia social, econômica e política colocando em relevo os modos de produção, os sistemas de exploração capitalista e de opressão estadista. Os títulos dos capítulos dos dois últimos tomos de *O Homem e a Terra* são, quanto a isso, particularmente edificantes: repartição da população e processo de povoamento, urbanização, agricultura e formas de propriedade, indústria e comércio, educação e ciência. Quanto a Vidal, este construiu uma geografia regional embasada na descrição das paisagens e numa geografia humana repousando no estudo dos tipos de vida.”⁸¹

Portanto, apesar de quase contemporâneos, desenvolvem concepções muito diferentes e inclusive opostas, como é o caso da abordagem de formulada por Friedrich Ratzel sobre o papel do Estado.

As ideias e obras de Élisée Reclus representaram, segundo Horacio Capel, um importante esforço para estabelecer leis de uma geografia social de base anarquista e naturalista, fato que singulariza sua obra dentro da geografia da sua época: “Reclus busca en la naturaleza un ejemplo y un modelo para la organización anarquista de la sociedad, aunque para ello ha de destacar las dimensiones de armonía, cooperación y simbiosis, en lugar de las típicas darwinistas de competencia, selección y lucha por la vida.”⁸²

Reclus e a análise espaço-temporal

Na obra *L’Homme et la Terre*, considerada pelo próprio Reclus como uma obra de “geografia social” e que, como comento anteriormente, não foi submetida à censura do editor como ocorreu com as obras anteriores, o autor elaborou uma visão da ação do homem que cobriu duas categorias: espaço e tempo.

Organizada em seis tomos e publicada em fascículos, compreende uma exaustiva análise espacial e temporal dos povos antigos e das civilizações modernas e contemporâneas. Estudos de um processo que compreende uma pluralidade de elementos vinculados à cultura, às características da população e a sua relação com a natureza (meios telúricos), ao contexto político e econômico que estimulou as transformações das práticas agrícolas e as estruturas agrárias e a consequente expropriação camponesa, assim como as atividades industriais e comerciais, e que se reflete em um novo encadeamento de fatos e ordens, com a intensificação do processo migratório em direção às cidades e uma redistribuição populacional. Uma conjuntura fortemente vinculada ao Estado, ao imperialismo e ao capitalismo, aos quais Reclus tece duras críticas, enquanto que enaltece a importância da educação e da ciência realizadas com liberdade. Reclus conseguiu articular a política ao contexto econômico e avaliar os seus resultados à sua função na organização do espaço, conforme explicita no seu Prefácio:

“en esta avenida de los siglos, que los hallazgos de los arqueólogos prolongan constantemente en lo que fue la noche del pasado, podemos reconocer el lazo íntimo que enlaza la sucesión de los hechos humanos a la acción de las fuerzas telúricas; ello nos permite perseguir en el tiempo cada periodo de la

⁸¹ Paul Boino, 2010, p. 12.

⁸² Horacio Capel, 1988, p. 304.

vida de los pueblos correspondientes al cambio de los medios, observar la acción combinada de la naturaleza y del hombre mismo, reaccionando sobre la tierra que lo formó.”⁸³

Foi nesta obra que Reclus pode exteriorizar suas ideias ácratas, mas igualmente os conceitos desenvolvidos, nos quais reconhece a evolução e a revolução como atos sucessivos de um mesmo fenômeno, a evolução precedendo a revolução e esta uma nova evolução, mãe de revoluções futuras⁸⁴. Também identifica os movimentos contraditórios que permeiam este processo e que podem levar ao progresso ou ao regresso. Sintetiza, portanto, o amadurecimento do seu pensamento, ultrapassando a visão naturalista e unitarista do mundo explícita em suas obras anteriores para elaborar um estudo com um teor mais sociológico.

É nela que melhor apreendemos a concepção de Reclus sobre a geografia, a qual tem por objetivo entender o mundo como um sistema complexo formado por elementos (partes) mais ou menos interdependentes (relevo, clima, vegetais, animais, o homem, etc), que fazem parte de um “todo” sustentado por interações contínuas que evoluem em uma dupla dimensão, “no plano sincrônico (o meio-espaço)” e no “plano diacrônico (o meio-tempo)”⁸⁵ e que devem necessariamente ser assimilada pelos geógrafos. Para este geógrafo anarquista é somente desta forma que a geografia poderá cumprir a sua função que é a de analisar o mundo como ele é.

Na sua afirmação de que “A geografia não é imutável, se faz e se refaz todos os dias, a cada instante se modifica pela ação do homem”⁸⁶, Élisée repousa a sua abordagem em uma dialética do meio-espaço e do meio-tempo, os concebendo como conceitos interdependentes: as forças naturais (meio) variam de lugar para lugar (no espaço) e de época em época (no tempo) à medida que a sociedade se transforma.

Com relação ao meio-espaço, Reclus ressalta que o homem deve entender o funcionamento do meio (natureza – equilíbrio natural) para saber atuar sobre o mesmo e preservar o seu equilíbrio; e por meio-tempo, entende que as condições naturais podem ser mais ou menos determinantes dependendo da organização social⁸⁷.

Trata-se de conceitos que integram meio e tempo e que ressaltam a inexistência do determinismo natural (determinismo geográfico), pois a influência de um determinado fator na sociedade pode evoluir e até mudar totalmente, em função da capacidade da mesma de melhorar o seu controle sobre estes fatores. O fato de uma unidade geográfica, como um rio, anteriormente considerado uma barreira, se transformar em um meio de comunicação e de transporte, comprova que as interações entre os elementos humanos e naturais de um determinado espaço estão em permanente evolução e superação, impulsionadas pelo avanço da civilização e dos elementos que a compreende, como o avanço tecnológico que transforma o meio segundo as suas necessidades particulares ou coletivas.

⁸³ E. Reclus. Préface. *L'homme et la Terre*, 1905-1908. Reproduzido em Béatrice Giblin. Prefácio. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 97; e em Manuel Correia de Andrade (org.). *O Homem é a natureza adquirindo consciência de si própria. Élisée Reclus*, 1985, p. 38.

⁸⁴ E. Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*, 2002, p. 25-26.

⁸⁵ Paul Boino. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. Élisée Reclus. *Da ação humana na Geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo*, 2010, p. 30.

⁸⁶ E. Reclus. *Repartição dos homens. Renovação de uma cidade*, 2010, p. 59.

⁸⁷ Paul Boino. O pensamento geográfico de Élisée Reclus, Élisée Reclus. *Da ação humana na Geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo*, 2010, p. 30-33.

É esta dupla dimensão que conduz Reclus nas suas análises das práticas sociais (econômicas, militares ou políticas) a partir de uma visão geográfica:

“Al medio-espacio, caracterizado por los miles de fenómenos exteriores hay que agregar el medio-tiempo, con sus transformaciones incesantes, sus repercusiones sin fin. Si la historia comienza primero por ser “toda geografía”, como dice Michelet, la geografía se vuelve gradualmente “historia” por la reacción continua del hombre sobre el hombre. El tiempo modifica incesantemente el espacio.”⁸⁸

Foi este conceito integracionista, que levou Reclus a inserir nos textos introdutórios dos seis volumes da sua obra *L’Homme et la Terre* a seguinte frase: “*La geografía no es otra cosa sino la historia en el espacio, así como la historia es la geografía en el tiempo*”⁸⁹.

Reclus concebe o urbano com todas as suas contradições. Entende as cidades como um lugar de encontro e de debate que pode albergar a característica dual do indivíduo (o seu caráter individual e social), mas também reflexiona sobre os processos que engendram as suas formas, incluindo a sua dinâmica e as contradições inerentes ao movimento que culmina com a sua tipologia. Ao seu atento “exame” não escaparam os diferentes elementos e suas respectivas variáveis que, imbuídos de atributos contraditórios, levam a um processo evolutivo como o que destitui os camponeses do seu principal instrumento de trabalho, a terra, em benefício dos industriais ávidos por mão de obra abundante e barata, trazendo como consequência um amplo fluxo de pessoas (trabalhadores) e de capital que dá origem a novos organismos, novas cidades. Um movimento contínuo e desigual que, a partir de uma série de ações e reações, apreende fluxos e refluxos em toda a sua complexidade e nos revela de forma contraditória nuances deste processo. Trata-se das cidades do século XIX, reproduzidas na sua forma e função durante o século XX, e que revelam aos olhos de um observador atento certos níveis de progresso (como a melhora da infraestrutura e as condições de higiene), e ao mesmo tempo aponta indícios de um retrocesso social e ambiental (aglomeração, importantes problemas sanitários e de moradia, etc.). Uma organização sócio-espacial desigual na qual há “um deplorável e fatal contraste de luxo e de miséria, consequência necessária da desigualdade, da hostilidade que separa em dois, o corpo social”⁹⁰.

Portanto, uma construção teórica na que, ao ressaltar o antagonismo de classes, a exploração dos dominados e o progresso que beneficia poucos em detrimento da maioria, Élisée Reclus contempla a relação indivíduo-sociedade, e ao destacar as condições ambientais remete à correlação entre sociedade-natureza, ambos articulados no espaço e no tempo. Compreende igualmente possíveis soluções sociais e ambientais, com o objetivo de transformar as cidades em corpos orgânicos saudáveis.

Estamos, portanto, diante de um geógrafo humanista que concebeu uma análise que vai além das categorias tempo e espaço porque conseguiu apreender em uma relação dialética elementos contraditórios, mais ou menos interdependentes que se apresentam de forma associada em oposição e em combinação, e que são assimilados na essência de um movimento contínuo (não linear) que determina a compreensão do mundo nas suas dimensões humanas, sociais e naturais: o indivíduo, a sociedade, o espaço e o tempo.

⁸⁸ E. Reclus. Medios telúricos. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 102 e 106. Reproduzido em Manuel Correia de Andrade (org.), A complexidade da produção do espaço geográfico, *Élisée Reclus*, 1985, p. 57 e 60. Quando Reclus cita Michelet, se refere a Jules Michelet (1798-1874), importante historiador francês com princípios republicanos.

⁸⁹ Béatrice Giblin. El espacio y el tiempo. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 70.

⁹⁰ E. Reclus. *Repartição dos homens. Renovação de uma cidade*, 2010, p. 69. Os temas abordados neste parágrafo também são analisados no seu texto *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*, 2010.

Nas suas análises, Reclus conseguiu apreender como o indivíduo, a sociedade, o espaço e o tempo se repelem e ao mesmo tempo se combinam em uma dinâmica que reflete a essência do mundo. Desvendou os estreitos vínculos simbióticos e antagônicos existentes entre os indivíduos e a sociedade (instituições políticas e sociais), e entre estes e a natureza, através do tempo (histórico) em função dos diferentes estágios de evolução e suas permanências, que levam a uma coexistência de pluralidades em um mesmo espaço.

Estas quatro dimensões (Indivíduo, Sociedade, Espaço e Tempo) concebidas a partir de uma unidade, representam, segundo Ronaldo Creagh, muito mais que simples parâmetros. Assumem dimensões épicas:

“O espaço faz-se sinfônico, transforma-se em um hino à natureza; o tempo desposa a sociedade, pois quando esta sai do seu isolamento se torna mais complexa; a mudança linear da história se transforma em uma ascensão espiral. Em resumo, a crescente complexidade que se observa na evolução da Terra e de seus seres vivos aplica-se também à humanidade. E o indivíduo, que não pode ser passivo, é o agente dessas novas harmonias.”⁹¹

É também neste contexto analítico que Creagh entende que o grande sopro que inspira a obra de Reclus encontra-se modulado pela multiplicidade de pontos de vista nas microanálises, sem que nenhuma ideia seja destacada do seu contexto⁹².

Trata-se de estudos metodológicos que conseguem captar como as diferentes variáveis do espaço são modificadas e superadas em um movimento protagonizado pela ação humana em seu conjunto e pelos fenômenos climáticos através de escalas temporais desiguais:

“El medio es siempre infinitamente complejo y el hombre, por consiguiente, se ve solicitado por millares de fuerzas diversas que se mueven en todos sentidos, formando agregando las unas con las otras, éstas directamente, aquéllas según ángulos más o menos oblicuos, o contrariando mutuamente su acción.”⁹³

Portanto, Reclus não se limitou a entender o mundo do século XIX assim como ele era. O seu método analítico foi mais além apontando “fórmulas” para uma possível evolução social positiva (progresso) que se refletiria tanto nas relações dialéticas entre os homens (indivíduo e sociedade) quanto nos vínculos entre estes e a natureza (meio).

Uma obra coerente e um método de análise inovador

Reclus realizou uma obra coerente com o seu pensamento e com a sua postura ante o mundo, inovando em muitos aspectos. A concepção do conceito de evolução e revolução como atos sucessivos de um mesmo fenômeno, contrários em sua essência e que se desenvolvem em uma “espiral da civilização”, com forma pouco geométrica e moldada pelos períodos de alternância de progresso e retrocesso social não linear, está na base teórica que orienta a sua metodologia.

Este esforço teórico possibilitou a Reclus entender o método dialético como a energia e a dinâmica que move um processo que pode resultar em um equilíbrio relativo ou em uma

⁹¹ Ronaldo Creagh. Reclus ou a grande narrativa da Terra, Élisée Reclus. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*, 2010, p. 16.

⁹² *Ibidem*, p. 23.

⁹³ E. Reclus. Medios telúricos. *El Hombre y La Tierra*, 1986, p. 101. Reproduzido em Manuel Correia de Andrade (org). A complexidade da produção do espaço geográfico, *Élisée Reclus*, 1985, p. 56.

inversão dialética. Repleto de contradições, combinações, transformações e permanências, mas contínuo, o mesmo é superado devido uma evolução que leva a uma revolução e uma nova evolução que coexistem através do espaço e do tempo.

A defesa de Reclus em favor da unicidade da geografia revela esta opção. A sua concepção de que a natureza e o homem formam um conjunto que coexistem em um processo complexo e pleno de movimentos contraditórios que se atraem e se repulsam, lhe induz a defender um método geográfico que contemple tanto elementos naturais, como humanos e sociais. Entende que somente desta forma se pode assimilar a totalidade do fenômeno.

A instituição das três grandes “leis” que regem a natureza da geografia, especialmente a geografia social, estão vinculadas à sua proposta teórica e metodológica das quais emergem três grandes conceitos: a “luta de classes”, a “procura do equilíbrio” e a “decisão soberana do indivíduo”. Neles Reclus reconhece a energia que alimenta as combinações e as contradições que por sua vez produzem um movimento incessante como condições essenciais à evolução do indivíduo e da sociedade. Uma concepção que inova “antes de tudo e, sobretudo, ao religar estas grandes leis e demonstrar que longe de excluírem-se mutuamente, elas coexistem e respondem uma à outra”⁹⁴, e na qual radica uma das suas principais contribuições ao método geográfico.

Outra singularidade que caracteriza Reclus é a importância que atribui ao papel do indivíduo enquanto sujeito ativo e autônomo nos diversos processos de construção social a partir de uma decisão soberana, que pode impulsar os processos de evolução social.

Também com relação as três “leis” reclusianas, Vincent Berdoulay, assim como outros estudiosos do tema, defendem o caráter não determinista das mesmas⁹⁵. Tanto a “luta de classes” como a procura do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, como a sua tese sobre evolução e revolução sugerem a ação dos homens livres e a sua capacidade para modificar o devir dos grupos sociais⁹⁶.

É através destes conceitos, integracionistas e respaldados por um método dialético “particular”, que Reclus consegue explicar o mundo como ele é, um todo sustentado por interações constantes que evoluem e que trazem “novas células”, termo que utiliza para designar as novas gerações humanas. Isto lhe possibilitou inovar na sua acepção analítica que contempla uma dimensão espacial e temporal em que os indivíduos e a sociedade possuem um papel histórico fundamental. Consegue, portanto, apreender a essência de um movimento contínuo, que através dos seus estágios de evolução se supera, se cria e se recria a través de quatro categorias: indivíduo, sociedade, espaço e o tempo, percebidas em uma multiplicidade de pontos de vista.

A sua originalidade também reside no fato de que concebe uma análise combinatória de dimensões entranhadas em processos como evolução e revolução, progresso e retrocesso, indivíduo e coletivo (sociedade), natureza e sociedade (indivíduo e coletivo), meio-espaço e meio-tempo, sem que a mesma se resuma em um único “par dialético”. Ao contrário, é o estudo da integração destas dimensões e destes processos que nos levarão a conhecer o seu

⁹⁴ Paul Boino, 2010, p. 36.

⁹⁵ Neste caso nos referimos à concepção que abrange o “determinismo geográfico”.

⁹⁶ Vincent Berdoulay, 2011, p. 95-114.

resultado. A sua visão holística do mundo e o seu comprometimento social levou Daniel Hiernaux a denominar a “sua” geografia de uma “altergeografia”, uma “outra geografia”⁹⁷.

Para Frederico Ferreti “Reclus é um exemplo de uma via diferente de lidar com a Alteridade”. Como destaca Ferreti, desenvolveu um discurso científico que se apresentou muito heterodoxo para o seu tempo nas suas críticas ao colonialismo e ao imperialismo, quando ao vincular as análises de dominação às diferenças culturais, procurou “entender o ponto de vista de todos os povos, localizando a si próprio como um deles ao invés de julgá-los”⁹⁸.

O seu método também inovou porque foi além dos conceitos engendrados por seus “quase” contemporâneos Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache: “a dialética do meio-espaço e do meio-tempo distingue-se da abordagem vidaliana ‘meio e tipo de vida’. Ela parece muito mais pertinente, muito mais rica”⁹⁹. Como ressalta Yves Lacoste:

“os raciocínios de Reclus têm, sobre aqueles de Ratzel, a incontestável superioridade científica e política de dar um grande espaço às contradições de classe no interior de cada formação política, enquanto as concepções do geógrafo alemão não levavam em conta isso a fim de poder raciocinar em termos de entidades metafísicas: os povos”¹⁰⁰.

A sua compreensão do mundo como um organismo social vivo lhe permitiu incorporar à interpretação geográfica trans-escalar elementos ricos em contradições e, portanto, essenciais para o entendimento dos mecanismos que movem a evolução do indivíduo, da sociedade e do espaço através do tempo. A sua obra é em definitivo, “um decidido legado em favor da justiça social e contra a organização autoritária da sociedade”¹⁰¹.

Infelizmente, o avanço que o seu pensamento representou para a ciência geográfica foi menosprezado por seus homólogos franceses e europeus em prol de uma ordem política estabelecida. Contribuíram para isto a sua condição de anarquista e de *ex-communard*, mas igualmente o fato de negar a geografia como instrumento de doutrinação e de poder e de rejeitava uma geografia ilusoriamente apolítica. Entendia que a mesma deveria se transformar em um instrumento para formar cidadãos no sentido anarquista do termo, e um instrumento para a ação política.

A conjuntura política do final do século XIX e o cenário científico, delineado pelo reconhecimento da geografia como ciência, contribuíram para a legitimação das ideias de Paul Vidal de La Blache. A sua condição de primeiro professor de Geografia da Universidade de Sorbone, favoreceu a difusão das suas concepções sobre os estudos das paisagens e dos tipos de vida, que pelo fato de ser politicamente conservadora harmonizou com os governos da Terceira República Francesa.

Este foi o motivo pelo qual grande parte do conteúdo das obras de Élisée Reclus foi preterida, fato que diminuiu consideravelmente o seu alcance analítico. Conservou-se da mesma somente a sua parte descritiva, presente basicamente na sua obra *Nouvelle Géographie Universelle*, na qual pode exteriorizar suas opiniões políticas muito esporadicamente e de forma dissimulada. A sua obra síntese, *L’Homme et la Terre*, considerada a mais importante,

⁹⁷ Daniel Hiernaux, Elisée Reclus: los albores de una “altergeografía”. G. Capron, C. Icazuriaga Montes, S. Levi, E. Ribera Carbó, E. Thiébaud (Eds.). *La geografía contemporánea y Élisée Reclus*, 2011, p. 23-41.

⁹⁸ Frederico Ferreti, 2013, p. 14, se referindo a *Nouvelle Géographie Universelle*.

⁹⁹ Phillipe Pelletier, 2010, p. 17.

¹⁰⁰ Yves Lacoste, Hérodote, n° 22. Citado por Paul Boino, 2010, p. 26.

¹⁰¹ Horacio Capel, 1988, p. 305.

porque nela Élisée teve liberdade para expressar as suas ideias, foi ocultada propositalmente durante várias décadas.

As suas ideias foram retomadas somente a partir da década de 1970, quando se iniciou na França um debate que tinha como objetivo a redefinição do campo da geografia, assim como a sua ação e os seus objetivos. Duas grandes tendências da geografia francesa – a Geopolítica de Yves Lacoste e a Nova Geografia de Roger Brunet - que afluíram deste debate epistemológico, reivindicaram parte da obra de Élisée Reclus¹⁰². Também contribuíram para difusão do pensamento reclusiano a publicação de vários dos seus textos e de artigos sobre a sua obra em *Hérodote. Revue de Géographie et de Geopolitique* a partir de 1976, a organização de um Colóquio em Bruxelas em 1985 e a fundação do *GIP Reclus* em Montpellier, sob a direção de Roger Brunet.

Apesar de que sua obra vem sendo recuperada de forma progressiva, a sua difusão fora da França e do continente europeu ainda é parcial. A dificuldade de encontrar textos que tratam do seu método de análise é um exemplo. Para suprir esta lacuna é fundamental que a sua produção intelectual esteja disponível, mais igualmente que se realize uma leitura apurada da mesma com a finalidade de melhor apreender as suas ideias, muitas das quais de caráter universal e, portanto, valiosas para a interpretação da dinâmica espacial, objeto de estudo do conhecimento geográfico.

As inquietudes de Élisée Reclus, manifestadas nos seus estudos, deixam transparecer uma realidade vigente inclusive nos dias atuais: ressaltam os perigos da depredação ambiental, aspiram ao progresso, mas o concebem como um processo contraditório resultado do desenvolvimento capitalista, no qual a luta de classes e a ação dos indivíduos livres são essenciais. Reclus analisa com propriedade o advento de um mundo complexo, caracterizado pelo acirramento das contradições estabelecidas a partir dos processos de industrialização, de urbanização e de globalização. Suas concepções representam o princípio de uma geografia unitária, social e crítica com a realidade e, mesmo tempo, uma utopia mediante a qual aspira um mundo melhor.

Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia. A atualidade do pensamento de Élisée Reclus. In: *Élisée Reclus*. Organização de Manuel Correia de Andrade. Coordenação de Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 7-36.

BERDOULAY, Vincent. El individuo como sujeto geográfico: interés y modernidad de las concepciones de Elisée Reclus. In: CAPRON, G.; ICAZURIAGA MONTES, C.; LEVI, S.; RIBERA CARBÓ, E.; THIÉBAUT V. (Eds.). *La geografía contemporánea y Élisée Reclus*. México: Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, El Colegio de Michoacán Centro de Investigación en Geografía y Geomática Ing. Jorge L. Tamayo, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 2011, p. 95-114.

BOINO, Paulo. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. In: RECLUS, Élisée. *Da ação humana na Geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo*. Organização e

¹⁰² Paul Boino, 2010, p. 24.

tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão e Arte Editora 2010, p. 9-39. Publicado anteriormente em *Itinéraire*, 1998, n°s 14-15.

BRUN, Christophe. *Élisée Reclus, une chronologie familiale (1796-2014). Sa vie, ses voyages, ses écrits, ses ascendants, ses collatéraux, les descendants, leurs écrits, sa postérité*. 2014. Com a participação de Federico Ferretti. <<http://raforum.info/reclus/>> [outubro de 2014]

CABALHERO SÁNCHEZ, Juan Vicente. *La descripción e interpretación del paisaje en Paul Vidal de La Blache. La hermenéutica del Tableau de la Géographie de la France*. Sevilla: Centro de Estudios Paisaje y Territorio-Grupo de Investigación Estructura y Sistemas Territoriales, 2013.

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea. Una introducción a la Geografía*. Barcelona: Barcanova, 1988, 3ª ed.

CAPRON, G.; ICAZURIAGA MONTES, C.; LEVI, S.; RIBERA CARBÓ, E.; THIÉBAUT V. (Eds.). *La geografía contemporánea y Élisée Reclus*. México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, El Colegio de Michoacán Centro de Investigación en Geografía y Geomática "Ing. Jorge L. Tamayo", Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 2011. 305 p. ISBN 978-607-486-148-82011 <<http://books.openedition.org/cemca/2552?lang=es>> [janeiro de 2015]

Confederación Sindical Solidaridad Obrera. Una autobiografía imposible de Élisée Reclus. Madri: 2005. <<https://drive.google.com/file/d/0B14Synwe1mHzcW1zWDFXUGcxYW8/edit>> [dezembro de 2014]

CREAGH, Ronald. Reclus ou a grande narrativa da Terra. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão & Arte Editora, 2010, p. 9-25.

DUNBAR, Gary. Elisée Reclus (1830- 1905): un geògraf francès i un anarquista. Tradução do inglês Xavier Sanclimens. *Documents d'anàlisi Geogràfica*, 1985, n° 7, p. 141-148.

FERRENTI, Federico. Eles têm o direito de expulsar-nos: a Nova Geografia Universal de Élisée Reclus. *Espaço e Economia*. [Online]. Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia, 19 de dezembro de 2013, 3 | 2013. <<http://espacoeconomia.revues.org/513>> [setembro de 2014]

GARCÍA-BORRÓN. Juan Carlos. *Historia de la Filosofía*. Barcelona: Ediciones del Serbal, (Colección La Estrella Polar), 1998, 3 vol.

GIBLIN, Béatrice. Los orígenes y la juventude de Eliseo Reclus. In: RECLUS, Élisée. *El Hombre y La Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Económica, 1986, p. 13-18.

GIBLIN, Béatrice. París 1857-1871. Profesión: Geógrafo. In: RECLUS, Élisée. *El Hombre y La Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Económica, 1986, p. 27-38.

GIBLIN, Béatrice. La comuna de Paris. In: RECLUS, Élisée. *El Hombre y La Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Económica, 1986 (ed. española), p. 39-45.

GIBLIN, Béatrice. Bruselas. La última etapa. In: RECLUS, Élisée. *El Hombre y La Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Económica, 1986, p. 54-58.

GIBLIN, Béatrice. El espacio y el tiempo. In: RECLUS, Élisée. *El Hombre y La Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Económica, 1986, p. 69-71.

GIBLIN, Béatrice. Elisée Reclus: un géographe d'exception. *Hérodote Revue de Géographie et de Géopolitique*, 2005, núm. 117, París, pp. 11-28. <<http://www.herodote.org/spip.php?article148>> [outubro de 2014]

HIERNAUX, Daniel. Elisée Reclus: los albores de una "altergeografía". In: CAPRON, G.; ICAZURIAGA MONTES, C.; LEVI, S.; RIBERA CARBÓ, E.; THIÉBAUT V. (Eds.). *La geografía contemporánea y Élisée Reclus*. México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, El Colegio de Michoacán Centro de Investigación en Geografía y Geomática "Ing. Jorge L. Tamayo", Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 2011. p. 23-41.

KANT, Immanuel. *Physische Geographie*. Band IX. Berlin: Walter Gruyter & Co, 1968. Título original: *Physische Geographie. Kant's gesammelte Schriften*. Organização *Koniglich PreuJischen Akademie der Wissenschaften*, volume IX, 1923. Traduzida por Leonardo Arantes e publicada em *GEOgraphia*, Vol. 9, Nº 17, 2007. <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/210>>

KROPOTKIN, Piotr. Lugar que ocupa el anarquismo en la ciencia moderna. *La Ciencia Moderna y El Anarquismo*. Tradução para o castelhano Ricardo Mella. Sevilha: Biblioteca Vértice, 1922.

LACOSTE, Yves. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique. *Hérodote*, 117, 2^a trimestre 2005. <<http://www.herodote.org/spip.php?article149>> [setembro de 2014]

NETTLAU, Max. *Eliseo Reclus: la vida de un sabio justo y rebelde*. Barcelona: Biblioteca de la Revista Blanca. 1928. 2 tomos.

OYÓN, José Luis y Marta SERRA. Las casas de Reclus: hacia la fusión naturaleza-ciudad, 1830-1871. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de diciembre de 2012, vol. XVI, nº 421. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-421.htm>>. [ISSN: 1138-9788] [janeiro de 2015]

PELLETIER, Phillippe. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus. In: *Élisée Reclus e a geografia das liberdades*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão & Arte Editora, 2011.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *De la création de l'ordre dans la humanité: ou Principes de organisation politique*. La Metaphisique. Paris: Librairie Internationale, 1873, Cap. III. <<https://archive.org/stream/delacraciondelo00prougoog#page/n117/mode/2up>> [outubro de 2014]

PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade?* Lisboa: editorial Estampa, 1975, 2ª ed. Tradução de Marília Caeiro.

RECLUS, Élisée. A ação do homem como modificador das condições naturais, dominando e transformando a natureza. In: *Élisée Reclus*. Organização Manuel Correia de Andrade. Coordenação Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 41-55. Título original: Réaction de l'homme sur la nature; exploration du globe, voyages des découvertes; l'ascensions de montagens. *La Terre*, tomo II.

RECLUS, Élisée. O Homem é a natureza adquirindo consciência de si própria. In: *Élisée Reclus*. Organização Manuel Correia de Andrade. Coordenação Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 38-40. Título original: Préface. L'homme est la nature prenant conscience d'elle-même. *L'homme et la Terre*, tomo I.

RECLUS, Élisée. Evolução da sociedade e das civilizações. In: *Élisée Reclus*. Organizador Manuel Correia de Andrade. Coordenador Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 99-108. Título original: Divisions et rythmes de l'histoire. *L'homme et la Terre*, tomo I, cap. IV.

RECLUS, Élisée. A complexidade da produção do espaço geográfico. Evolução da sociedade e das civilizações. In: *Élisée Reclus*. Organização Manuel Correia de Andrade. Coordenação Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 56-60. Título original: Milieux Telluriques, *L'homme et la Terre*, tomo I, cap. II.

RECLUS, Élisée. Medios telúricos. *El Hombre y La Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Econômica, 1986, p. 100-106. Título original: Milieux Telluriques, *L'homme et la Terre*, tomo I, cap. II.

RECLUS, Élisée. Divisiones y ritmos de la historia. *El Hombre y la Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Econômica, 1986. p. 101-119. Título original: Divisions et Rythme de L'Histoire, *L'homme et la Terre*, tomo I, cap. VI.

RECLUS, Élisée. Las Nacionalidades. *El Hombre y la Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Econômica, 1986. p. 123-146. Título original: Les Nationalités, *L'homme et la Terre*, tomo V, cap. XVIII.

RECLUS, Élisée. El Estado Moderno. *El Hombre y la Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Econômica, 1986. p. 316-321. Título original: L'État Moderne, *L'homme et la Terre*, tomo VI, cap VII.

RECLUS, Élisée. La Industria y el Comercio. *El Hombre y la Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Econômica, 1986. p. 339-363. Título original: L'Industrie et le Commerce, *L'homme et la Terre*, tomo VI, cap IX.

RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão & Arte Editora, 2002. Título original: *La évolution, la révolution et l'idéal anarchique*.

RECLUS, Élisée. *La evolución, la revolución y el ideal anarquista*. <<http://metalmadrid.cnt.es/cultura/libros/eliseo-reclus-evolucion-revolucion-y-anarquismo.pdf>> [junho de 2014]

RECLUS, Élisée. *El Arroyo*. Traducción de A. López Rodrigo. Capítulo XI: Las riberas y los islotes. Título original: *L'Histoire d'un ruisseau*. Paris: Hetzel, 1869 (1ª ed.) <<http://www.gutenberg.org/files/11663/11663-8.txt>> [setembro de 2014]

RECLUS, Élisée. *Projet de construction d'un globe terrestre à l'échelle du cent-millième*. Société nouvelle, 1895. 16 p. In : SOIZIC ALAVOINE-MULLER. Un globe terrestre pour l'Exposition universelle de 1900. L'utopie géographique d'Élisée Reclus. *L'Espace géographique*, 2003/2 tome 32, p. 156-170. <<http://www.cairn.info/publications-de-Alavoine-Muller-Soizic--1404.htm>> [novembro de 2014]

RECLUS, Élisée. *Da ação humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão & Arte Editora, 2010. Título original: *De l'action humaine sur la géographie physique. Géographie comparée dans l'espace et dans le temps*.

RECLUS, Élisée. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão & Arte Editora, 2010. Título original: *Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes*.

RECLUS, Élisée. *Renovação de uma cidade. Repartição dos homens*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão & Arte Editora, 2010. Título original: *Renouveau d'une cité. Repartition des hommes*.

RECLUS, Élisée. *Da escravidão nos Estados Unidos*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão & Arte Editora, 2010. Título original: *De l'esclavage aux États Unis*.

RECLUS, Élisée. *As repúblicas da América do Sul. Suas guerras e seu projeto de federação*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão & Arte Editora, 2010. Título original: *Les Républiques de l'Amérique du Sud: ses Guerres et son Projet de Fédération*.

SCHAEFER, Fred. K. Excepcionalismo en geografía. Transcrição, edição e introdução de Horacio Capel. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 43, 1953. Universidad de Barcelona, 1971. <<http://www.ub.edu/geocrit/schaefer3.htm>> [dezembro de 2014]

VINCENT, Jean-Didier. *Élisée Reclus: Geographe, anarchiste, écologiste*. Paris: Éditions Robert Lafont S. A., 2010.

VICENTE MOSQUETE, Maria Teresa. *Eliseo Reclus. La geografía de un anarquista*. Barcelona: Los libros de la frontera, 1983.

VICENTE MOSQUETE, Maria Teresa. *Elisée Reclus y su aportación a la cartografía. Segon Congrés Català de Geografia*. 29 a 31 de maio de 2008.

ZAAR, Miriam Hermi. El cooperativismo moderno. Las teorías que le dieron origen y expansión. *La viabilidad de la agricultura familiar asociada: el caso del Reasentamiento São Francisco/Cascavel/PR/Brasil*. Tese de doutorado. Orientador: Dr. Horacio Capel Sáez. Universidad de Barcelona, 2007. 718 p. Publicada pela Universidad de Barcelona <<http://www.tesisenxarxa.net/TDX-1214109-114443/>> [dezembro de 2014]

ZAAR, Miriam Hermi. Dos socialismos utópico e revolucionário à economia solidária. *Revista Mercator*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, setembro de 2013, v. 12, p. 153-167. <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/1181/503>> [ISSN 1984-2201] [DOI: 10.4215/RM2013.1202.0011]

© Copyright Miriam Hermi Zaar, 2015

© Copyright *Biblio3W*, 2015

Ficha bibliográfica:

ZAAR, Miriam Hermi. Élisée Reclus e o seu método geográfico. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de junio de 2015, Vol. XX, nº 1123. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1123.pdf>>. [ISSN 1138-9796].